

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Daiane Maira Soccal

**UM ESTUDO SOBRE FELICIDADE E TRABALHO DOCENTE  
NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS**

Santa Maria, RS  
2021

Daiane Maira Socal

**UM ESTUDO SOBRE FELICIDADE E TRABALHO DOCENTE  
NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Ciências Sociais**.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dejalma Cremonese

Santa Maria, RS  
2021

Soccal, Daiane Maira  
UM ESTUDO SOBRE FELICIDADE E TRABALHO DOCENTE NO  
MUNICÍPIO DE AGUDO/RS / Daiane Maira Soccal.- 2021.  
95 f.; 30 cm

Orientador: Dejalma Cremonese  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2021

1. Felicidade 2. Trabalho Docente 3. Bem estar I.  
Cremonese, Dejalma II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DAIANE MAIRA SOCCAL, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Daiane Maira Socal

**UM ESTUDO SOBRE FELICIDADE E TRABALHO DOCENTE  
NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS**

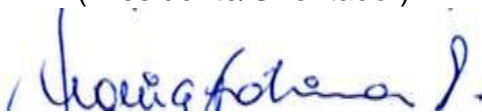
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Ciências Sociais**.

**Aprovado em 14 de maio de 2021**



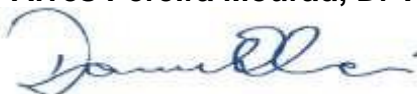
---

**Dejalma Cremonese, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)



---

**Leonice Alves Pereira Mourad, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**



---

**Daniel Rubens Cenci, Dr. (UNIJUI)**

Santa Maria, RS  
2021

## DEDICATÓRIA

*Ao meu marido Jaime, pelo companheirismo incansável e a minha filha Amanda pela inspiração. Vocês são meu estímulo, minha base. Obrigada e amo vocês!*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a minha família, em especial a minha filha Amanda, por nunca ter me deixado desistir, pelo carinho e apoio sempre. Ao meu esposo Jaime pela compreensão, pelo amor e dedicação incondicional em todos os momentos e ao meu genro Henrique, pelas palavras de incentivo e apoio sempre. Vocês são minha fortaleza!

Aos meus pais, Ernani e Nilva, por me incentivarem sempre a estudar e nunca desistir. À minha irmã Daniela, pelo carinho e acreditar em mim sempre. Ao meu cunhado Eloir e sobrinhos, Valentina, Augusto e Arthur. Obrigada!

Agradeço ao meu orientador, Pro<sup>o</sup> Dr. Dejalma Cremonese, por toda a confiança e liberdade que tive para realizar essa pesquisa. Por sua amizade e suporte durante esses dois anos de mestrado. Obrigada e vamos em frente!

Agradeço a professora Prof<sup>a</sup> Dra. Leonice Mourad, integrante da banca examinadora, pelas enriquecedoras contribuições e comentários feitos por ocasião do exame de qualificação.

Também, deixo aqui um agradecimento especial ao meu amigo e colega Guilherme, que não mediu esforços, me auxiliando sempre, compartilhando das angústias, com muito carinho, força e dedicação nessa trajetória. Meu muitíssimo obrigada!

Agradeço a todas as pessoas que me apoiaram, aos meus colegas de trabalho que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento dessa dissertação.

Agradeço ao Diretor Jader, da Escola Willy Roos, pela parceria e espaço para que essa pesquisa se concretizasse. Gratidão!

Agradeço a Universidade Federal de Santa Maria, pública, gratuita e de qualidade, pela oportunidade de estudar, aprimorar meus conhecimentos no tão sonhado mestrado e contribuir para o fortalecimento da ciência.

Agradeço também a todos os professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFSM, pelo conhecimento compartilhado, pelos ensinamentos, acadêmicos e de vida. Vocês são gigantes!

*“Eu sou aquela mulher  
A quem o tempo muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida.  
Não desistir da luta.  
Recomeçar na derrota.  
Renunciar as palavras e  
pensamento negativos.  
Acreditar nos valores humanos.  
Ser otimista!”*

*(Cora Coralina)*

## RESUMO

### UM ESTUDO SOBRE FELICIDADE E TRABALHO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS

AUTORA: Daiane Maira Soccá  
ORIENTADOR: Dejalma Cremonese

Propõe-se, nessa dissertação, um estudo sobre a concepção de felicidade no trabalho docente no município de Agudo/RS, com a intenção de compreender as representações de felicidade no trabalho de docentes da rede de ensino do município. Objetiva-se analisar e refletir em que medida as condições de trabalho docente impactam nos níveis de felicidade a partir de categorias como modelo salarial, papel político e social do trabalhador docente, condições de trabalho desiguais, emoções, a concepção de felicidade de cada docente em seu modo de viver. Essa dissertação justifica-se pela necessidade de promover um estudo mais aprofundado sobre o tema felicidade no âmbito do trabalho docente, pois considera-se que a temática se caracteriza como relevante e atual, podendo reunir informações que contribuam com a compreensão das representações da felicidade e práticas contemporâneas e com futuras pesquisas sobre o tema. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa e utilizará ferramentas metodológicas como análise bibliográfica, pesquisa documental e questionário. Conclui-se que os pesquisados internalizam suas emoções e perspectivas no ambiente de trabalho, como um modo de realização pessoal e missão de vida. De um modo geral, são profissionais que precisam ser incentivados e mobilizados com frequência, e necessitam antes de tudo, se sentir parte do processo, como um ser promissor em seu potencial, e assim se sentirem felizes e protagonista de sua trajetória de vida e profissional.

**Palavras-chave:** Felicidade. Trabalho Docente. Bem estar.



## **ABSTRACT**

### **A STUDY ON HAPPINESS AND TEACHING WORK IN THE MUNICIPALITY OF AGUDO / RS**

AUTHOR: Daiane Maira Socal  
ADVISOR: Dejalma Cremonese

In this dissertation, a study is proposed on the concept of happiness in teaching work in the municipality of Agudo / RS is proposed, with the intention of understanding the representations of happiness in the work of teachers in the municipal education network. The objective is to analyze and reflect to what extent the working conditions of teachers impact on their levels of happiness, stemming from categories such as salary model, political and social role of the teaching workforce, unequal working conditions, emotions, the conception of happiness of each teacher in their way of living. This dissertation is justified by the need to promote a more in-depth study on the theme of happiness within the scope of teaching work, as it is considered that the theme is characterized as relevant and current, being able to gather information that contributes to the understanding of the representations of happiness and contemporary practices and also with future research on the topic. This is a research with a qualitative and quantitative approach and will utilize methodological tools such as bibliographic analysis, documentary research, questionnaires. It is concluded that the respondents internalize their emotions and perspectives in the work environment, as a way of personal fulfillment and life mission. In general, they are professionals who need to be encouraged and mobilized frequently, and they need, above all, to feel part of the process, as a promising potential, and thus feel happy and the protagonist of their path and professional path.

**Keywords:** Happiness. Teaching Work. Welfare.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A minha atuação profissional tem me realizado pessoalmente.....	59
Gráfico 2 – A minha realização profissional depende totalmente do retorno financeiro referente ao trabalho realizado .....	61
Gráfico 3 – Estou na profissão dos meus sonhos .....	63
Gráfico 4 – Eu prefiro estar no ambiente de trabalho ao invés de estar em casa .....	64
Gráfico 5 – Eu trabalho muito bem com mais pessoas .....	65
Gráfico 6 – Tive momentos de estresse, ansiedade e tristezas prolongadas no último ano.....	66
Gráfico 7 – Há uma lacuna entre o que eu gostaria de fazer e o que eu faço .....	68
Gráfico 8 – No último ano, eu tomei medicamento para controlar o meu estado emocional e psicológico.....	69
Gráfico 9 – Eu sou muito feliz.....	70
Gráfico 10 – Disponho de muito tempo livre para lazer e aproveito-o da melhor maneira .....	70
Gráfico 11 – Qual a sua idade? .....	71

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	12
<b>3</b>	<b>DEFININDO FELICIDADE</b> .....	14
<b>4</b>	<b>A FORMAÇÃO DE UMA CIÊNCIA</b> .....	20
4.1	A FELICIDADE COMO OBJETO DA CIÊNCIA .....	24
<b>5</b>	<b>TRABALHO</b> .....	32
5.1	A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO .....	32
5.2	O TRABALHO EM FOCO .....	34
5.3	O TRABALHO DOCENTE: EDUCADOR E INSTITUIÇÃO.....	39
<b>6</b>	<b>A METAMORFOSE DO TRABALHO: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O BEM ESTAR NO TRABALHO DOCENTE</b> .....	43
6.1	TRABALHO E(M) METAMORFOSE.....	43
<b>7</b>	<b>APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	54
7.1	MUNICÍPIO DE AGUDO/RS.....	54
<b>8</b>	<b>PROFESSOR: DOCÊNCIA, IDENTIDADE E OFÍCIO</b> .....	57
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	78
	<b>APENDICE A – FOTOS DA ESCOLA</b> .....	84
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO E GRÁFICOS</b> .....	85

## 1 INTRODUÇÃO

Na posição de docente, pensa-se, a partir da prática diária como professores e trabalhadores da instituição escolar, na interação e convivência com o meio docente, a necessidade de promover uma reflexão mais aprofundada sobre o tema felicidade. Pensar sobre felicidade não é um exercício recente, mas faz parte do conhecimento humano, indo muito além do que se pode imaginar. Para tais questionamentos se faz necessário pensar a temática da felicidade como um tema de interesse social e acadêmico. Nesse sentido, o que me motivou a estudar esse tema felicidade, foi justamente por perceber e acompanhar a rotina diária no trabalho da escola, e a partir disso surgiu como curiosidade tentar perceber esse espaço num viés mais humanizado, da essência do ser professor, do bem estar, da felicidade, e assim perceber melhor a realidade desse ambiente, na condição de docente e na interação e convivência com o meio docente. O tema felicidade sempre me instigou curiosidade e deste modo surgiu a oportunidade de estudar melhor sobre assunto.

Entretanto, esse estudo justifica-se pela necessidade de promover uma análise mais aprofundada sobre o tema no âmbito do trabalho docente com objetivo de compreender como representações sobre felicidade impactam no trabalho docente, da felicidade, ou a busca pelo entendimento de sua natureza. É um assunto que vem ocupando a mente de inúmeros pensadores ao longo da história humana no campo da Filosofia, Sociologia e tem encontrado nas últimas décadas um espaço singular nas pesquisas acadêmicas com maior afinidade nas Ciências Sociais que, por sua vez, contribuem num modo de pensar a experiência humana com o cotidiano.

É importante destacar que a temática da felicidade, na contemporaneidade, é muito falada, mas é pouco estudada cientificamente e não existe como um conceito já pronto e acabado, apenas o que a sociedade sinaliza e entende por felicidade. O conceito de felicidade nos dias de hoje parece ser um conceito imposto por uma sociedade que está sempre em busca de algo, para suprir desejos, angústias e que necessita estar feliz em todo momento e a qualquer hora do dia.

Desta forma, é importante tentar compreender representações de felicidade no trabalho de docentes, ou seja, como os docentes significam a felicidade no seu trabalho, pois o trabalho é fundamental para a sua subjetividade no papel social e lugar político, visto que, para estudar a felicidade, tanto na perspectiva individual quanto na perspectiva social, deve ser incluído o estudo da vida no trabalho. Aqui,

refere-se ao trabalho como a atividade laboral, remunerada, exercida pelos docentes. Já o termo felicidade será tratado como sinônimo de bem estar subjetivo, porém será entendido como descrito na concepção teórica dos referidos autores.

Para a problemática se faz a seguinte pergunta: Em que medida as condições do trabalho docente impactam nos níveis de felicidade? Ou melhor, como os docentes significam a felicidade na sua rotina de trabalho e na sua vida? É importante perguntar também em que medida as representações de felicidade perpassam pelo trabalho docente. Os docentes, mesmo em condições contrárias, como sexo, idade, formação, condição salarial e de trabalho, tem uma expectativa de felicidade que pode ser refletida nas práticas e representações?

Os sujeitos que fizeram parte do universo dessa pesquisa são docentes da Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos, do município de Agudo - RS. O recorte foi realizado com vinte e um docentes ativos da referida instituição, sendo que quinze são mulheres e seis homens, com formações nas áreas das humanas, natureza, matemática e linguagens. Para o questionário, foram consideradas condições diversas como sexo, idade, formação, realização pessoal, bem estar, condição salarial e de trabalho. Este estudo perpassa por reflexões a partir da passagem da sociedade moderna para contemporânea, focando principalmente no modo como a mesma se constrói nos aspectos sociológicos do tema da felicidade no âmbito institucional, representadas no trabalho docente.

Essa dissertação busca compilar conceitos e teorias dos campos de estudos da Felicidade e será dividida em capítulos, nos quais refletiremos primeiramente sobre a felicidade a partir de alguns elementos estruturais da vida em sociedade, o modo de vida excessivo na sociedade contemporânea e dentro da esfera do trabalho docente. Na sequência, uma análise da felicidade a ser estudada enquanto ciência, as emoções, as relações políticas e o bem estar. Ainda será analisado, após o questionário, em outro capítulo, o resultado da análise com os docentes.

## 2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa possui uma abordagem quali-quantitativa e do mesmo modo será utilizada a Pesquisa Bibliográfica e questionário como metodologia.

Conforme Gil (2002, p. 18), pesquisa “é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos, é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder o problema”. Ou seja, na visão de Gil (2002, p. 50), “basicamente, procede-se a solicitações de informações a um grupo significativo de pessoas do problema estudado”.

Conforme Gil (2008, p. 38), a pesquisa bibliográfica “é o [método] mais completo de todos, os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos”. Ou seja, consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados. Ainda conforme Gil, “a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico”, no caso aqui os atestados médicos dos pesquisados.

Trabalhamos com os pressupostos da pesquisa qualitativa no ambiente de trabalho educacional por compreender que esta abordagem é aquela que mais condiz com a epistemologia que adotamos de construção de conhecimento.

Conforme Alves (1991) para as pesquisas qualitativas

[...] a realidade é uma construção social da qual o investigador participa e, portanto, os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que leve em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas o que exclui a possibilidade de se identificar realidades lineares de causa e efeito e de se fazer generalizações de tipo estatístico (ALVES, 1991, p. 55).

Desse modo, a compreensão do conhecimento dentro do universo das ciências sociais permite uma grande flexibilidade do pesquisador a ajustar o seu foco de pesquisa sem com isso perder o seu posicionamento crítico e reflexivo em relação ao rigor da construção do conhecimento aqui exposto. A coleta de dados partiu de uma intervenção através de um questionário/formulário online e análise documental. A

partir dos questionários foram gerados os gráficos que acima se apresentam, os quais posteriormente foram analisados.

Entretanto, as análises foram feitas a partir da reunião desse material previamente coletado, no questionário, estabelecendo reflexões e correlações com os fundamentos que delinham o universo teórico de nossa pesquisa.

De acordo com Bauer (2002), a pesquisa qualitativa, no campo das ciências sociais, ocupa-se com o universo de crenças, valores e significados, mas em um nível que não pode ser quantificado. Mesmo assim, não deixa de ser considerada uma atividade da ciência na medida em que visa a construção da realidade.

Assim, para gerar luz acerca das hipóteses aqui trabalhadas nesta pesquisa, terá como fonte: Bauman (2001), Giddens (2012), Lipovetsky (2005) e Greve (2013) entre outros autores pós-modernos estudiosos do tema. Além disso, a pesquisa qualitativa como metodologia tem como base, além de coleta de dados e questionário distribuídas entre os docentes.

Os sujeitos que integrarão o universo da pesquisa serão os docentes da Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos, do município de Agudo RS. O recorte será feito com apenas os docentes ativos da referida instituição, que envolvem distintas formações que habilitam para o currículo vigente. Os participantes são docentes que, por sua vez, possuem uma bagagem teórico-prática consistente, todos sujeitos são especialistas dentro de sua formação.

Conforme VÍCTORA (2000) a técnica mais comum de coleta de dados nos métodos quantitativos é o questionário, ou do tipo *survey*, composto por questões fechadas previamente estabelecidas. Porém, questões fechadas não contribuem muito para a codificação da análise que será utilizada nos questionários. A coleta de dados será por meio de questionário online, perguntas fechadas, em função da pandemia.

### 3 DEFININDO FELICIDADE

O tema da felicidade é oriundo da filosofia, principalmente da ética aristotélica. Reformular e retratar esse tema sociologicamente requer romper com a ética. Acreditamos que o sociólogo tem interesse em buscar representações de felicidade e verificar se essas representações são relevantes para os grupos humanos. Esse tipo de abordagem satisfaz alguns pressupostos metodológicos, há uma vinculação empírica, uma abordagem desligada da filosofia não desejo saber se os investigados são felizes ou se há uma interpretação verdadeira da felicidade. Certamente é preciso assumir alguns pressupostos, práticas que levam a compreender o conceito de felicidade.

O termo felicidade, de acordo com Marcondes (2006), refere-se à qualidade ou estado de ser feliz, caracterizando-se como um estado de satisfação plena e global de todas as tendências humanas. A felicidade pensada por autores do período pós-moderno é percebida como escolhas da existência, ou seja, não mais como algo a ser atingido, mas como algo relativo, de modo interrupto, surgindo na medida em que a afirmamos. O período chamado pós-moderno define-se, por sua vez, como um período em mudança, caracterizado por uma sociedade líquida, fluída, marcada por muitas diferenças, uma sociedade mais tolerante com uma ampla variedade de estilos de vida diferentes entre si que perpassam os tempos até os dias atuais. Bauman (2001), quando expõe o termo “modernidade líquida”, enfatiza um período da história como “duro e sólido” que, sedimentado da modernidade, dissolveu-se.

De acordo com Bauman (2007), pressupõe-se que felicidade pode ser vista ainda como uma “violência legítima”, algo opressor da sociedade pós-moderna, aquela felicidade que nos obriga a ser feliz o tempo todo e que em certos momentos estamos inseguros, acreditamos estar no lugar errado, que nunca seremos felizes, queremos viver outros tempos, que nos remete voltar a nossa pergunta sobre o que é felicidade. De fato, adia-se de acordo com as circunstâncias da vida, ou, melhor dizendo, na contemporaneidade parece estar tudo esquecido, opera-se numa perspectiva de consumismo desenfreado.

Assim, conforme Bauman (2008), a sociedade atual é composta por apenas negócios, o ser humano está sempre em busca de mais, tudo é relativo, buscam-se sempre bens materiais, nunca estamos satisfeitos. O desejo pelo mais seria o



absoluto, pelas realizações, isso é a prova da dimensão transcendente, algo mais que não se sabe o que é de fato.

Conforme Bauman (2001), essa sociedade líquida, poderia ser explicado como

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi à dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividade humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

Nessa lógica, nas condições da pós-modernidade, podendo discutir as transformações do mundo moderno nos últimos tempos, Bauman (2001) traz um conceito mais ideológico no qual caracteriza essas mudanças usando o termo “líquido”, pelo qual se demonstra a fragilidade desse tempo que tudo flui, que nada é tão duradouro e que reforça esse estado temporário das relações sociais.

Lipovetsky, teórico francês da hipermodernidade, escreveu várias obras importantes sobre a sociedade do hiperconsumo, entre outras tantas que contribuem para essa pesquisa. Em suas principais obras, analisa a sociedade pós-moderna marcada, segundo ele, pelo desinvestimento público, pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas e por uma cultura aberta que caracteriza a regulação das relações humanas em que predominam tolerância, hedonismo, personalização dos processos de socialização e consumo em excesso. A estas características ele se refere como hipermodernidade. Para o autor a felicidade na sociedade hipermoderna se caracteriza pelo imediatismo, pela procura sem fim do sentido da vida e realização individual, pela sensação de prazer, um tempo em que o excesso e o vazio se confrontam e por consequência podem ser refletidas no exercício da docência.

Lipovetsky (2007), em seus estudos sobre a era atual, trabalha com o conceito de hiperconsumo. Em Felicidade Paradoxal (2007), o autor afirma que o ato de consumir, se não traz felicidade, ao menos fornece satisfações ao sujeito. Esses instantes de satisfações são denominados pelo autor de “felicidade paradoxal”. Porém, essa felicidade é efêmera e termina no próprio ato de consumo, é o que ele

chama de “consumo emocional”. Fazendo uma análise mais criteriosa, o termo felicidade, na contemporaneidade, de acordo com os autores aqui citados, está ligado à imagem de uma sociedade capitalista, liberal, que, por sua vez, nos impulsiona a compreender que a felicidade provém somente a partir de um bem material, do consumo exagerado, entre outros tantos exemplos.

Lipovetsky (2004) prefere usar o termo “hipermodernidade”, no qual o termo “hiper” caracteriza essa intensidade dos valores na modernidade, o excesso da busca de modo desenfreado de uma satisfação para os desejos. Essa trajetória do moderno, pós moderno até o período da contemporaneidade é um ambiente de muitos contrastes em que mudanças e acontecimentos desastrosos dão a ideia de uma deserção social em grande escala ocorrida na trajetória humana.

Lipovetsky (2007), em seus ensaios filosóficos sobre a felicidade na contemporaneidade, remete-nos a pensar sobre os intermináveis paradoxos de felicidade que pairam sobre a sociedade do hiperconsumo, na qual consumo é uma forma de fazer transparecer a condição de felicidade propiciada pelas novas experiências. Nos dias de hoje, vivemos num mundo sobre o poder das imagens, através das quais as empresas, os governos, os políticos, os indivíduos, os grupos agem com a consciência de que a imagem se transformou numa mercadoria tão ou mais valorizada do que o seu equivalente real.

Bauman e Lipovetsky fazem uma relação sobre a temática da felicidade com as transformações ao longo do tempo, com especial destaque para a sociedade de consumo, na qual a felicidade é sentida nas coisas materiais como um consenso entre a paz interior e o bem-estar exterior, a satisfação, ou seja, aquela felicidade momentânea contida nas emoções.

Bauman, através de seus estudos, auxilia a pensar e expor a face desumana numa sociedade estratificada, na qual as relações escorrem pelos dedos em uma necessidade de reinventar e redefinir os valores da atualidade, nada é permanente e duradouro. Numa intensa busca do seu bem-estar e uma supervalorização do eu, o indivíduo torna-se frágil e vulnerável à medida que se fecha para o outro e imerge dentro de si. Esse individualismo, estimulado pelo consumismo, foi esvaziando o sujeito a tal ponto que sua força para lutar pelos ideais comunitários foi se enfraquecendo.

Bauman, em *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), faz um paralelo com Freud e fundamenta que a modernidade se constitui primeiramente sobre um excesso

e depois sobre uma escassez de liberdade, trocando a possibilidade de segurança pela felicidade, caindo na armadilha da insegurança e causando um mal-estar. Desse modo, descrever o que seria felicidade, na visão dos autores já citados até o momento, é pensar a felicidade num modo mais complexo ou como em pequenas sensações vividas durante nosso dia a dia e que perpassam por diversos tempos e espaços em nossa sociedade, um desafio no campo das ciências sociais.

Zygmunt Bauman segue uma perspectiva de raciocínio aos mesmos fenômenos que se tornaram objeto da reflexão de Anthony Giddens, ou seja, os desejos fornecidos pela utilização da razão para ordenar, planejar e conferir um rumo desejável sobre a ordem das coisas. Giddens (1991) coloca que, com o advento da modernidade, desencadearam-se muitas mudanças no mundo, ela se radicaliza em relação as novas dinâmicas de tempo e espaço, pois atua intelectualmente no debate sobre a modernidade, com ponderações sobre as instituições sociais, o trabalho, a globalização e ainda nas relações humanas.

O sociólogo, quando menciona “Modernidade”, está relacionando ao estilo, costume de vida ou organização social, novas dinâmicas que surgiram na Europa a partir do século XVII e se tornaram influentes no mundo todo. Neste sentido, relaciona a modernidade também a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, conservando as características principais em segurança. (GIDDENS, 1991)

Giddens denomina essa nova característica da vida social moderna como uma enorme reflexividade das práticas sociais, ou seja, essas práticas sociais são constantemente renovadas e vão mudando no caráter e construindo identidades.

Tanto Giddens quanto Bauman dividem a ideia de que estamos sendo atingidos por efeitos surpreendentes na maneira como a sociedade funciona. Esses fenômenos, como “rapidez, radicalização, velocidade, intensidade e alcance das mudanças denotam uma “descontinuidade histórica” (GIDDENS, 1991, p. 13 e 15), são processos de estruturação contínuos em diversas dimensões da prática humana, eventualmente dirigidos e submetidos a um plano abrangente ou a regularidades históricas.

Giddens e Bauman fazem uma reflexão da sociedade atual na qual a identidade se torna um processo de construção constante no atual contexto da modernidade, mas que sempre esteve no centro da vida social, agora em outro foco.

Um contraponto importante para essa reflexão sobre o estudo da felicidade é a análise de Greve (2013) que auxilia, através de uma perspectiva comparativa,

centrada no estado de bem estar social, na política social, de mercado de trabalho, a compreender essa concepção de felicidade por um outro ângulo.

Em sua obra sobre felicidade, Greve (2013) destaca muitas questões, dentre elas concepções sobre a medição da felicidade. Greve afirma que a felicidade é o que cada indivíduo acredita e pensa da sua trajetória de vida em diferentes momentos, as expectativas para um tempo que há de vir. Considera ainda que a felicidade pode ser medida considerando a renda de um indivíduo, a saúde, a desigualdade no meio que vive, nos laços de confiança com as pessoas mais próximas, no trabalho e as relações estabelecidas no meio que se relaciona.

Porém, o que se pretende nesse é estudo uma base teórica que permite dar sustentação a essa complexidade e as questões que aqui vem sendo discutidas e não de medir a felicidade como o que Greve destaca.

Em outra perspectiva, a felicidade é pensada na ótica da psicologia positiva. Conforme Achor, na sua obra intitulada O jeito Harvard de ser feliz (2012), para encontrar a felicidade em espaços como escola, empresa, país, sociedade, temos que nos empenhar, ter sucesso, ter dinheiro e atingir metas. O autor nos coloca que estudos da psicologia positiva e da neurociência comprovam que a Felicidade precede sucesso e a Felicidade e otimismo promovem o desempenho e a realização.

Já a felicidade para Board (2010) é a recompensa para aqueles que empenharam e sofreram bastante para alcança-la, e que ser bem-sucedido é diferente de vida boa. Atualmente, sacrifica-se a felicidade pelo sucesso. Pensa-se em ter sucesso para ser feliz, porém, para o autor, o correto é ao contrário, sucesso a qualquer custo gera frustração e infelicidade, sugerindo princípios para a felicidade, como treinar o cérebro para a positividade, para não nos condicionar ao fracasso, encontrar oportunidades na diversidade, ou seja, encontrar um caminho mental que nos tira do fracasso, começar com metas pequenas até alcançar as grandes e não desistir e ainda investir em amigos, grupos sociais, colegas de trabalho. Conforme o autor, o benefício da felicidade no trabalho contribui na diminuição do estresse, e contribui desta forma na felicidade, aumenta o potencial no trabalho, na interação entre colegas, no bem estar físico e mental. Mudar é possível, a prática leva à perfeição, não somos determinados unicamente pela genética, nosso cérebro muda de acordo com as circunstâncias.

A felicidade é muito mais que uma sensação boa, a felicidade leva ao sucesso em praticamente todos os âmbitos da nossa vida: trabalho e carreira, negócios,

casamento, saúde, amizade, envolvimento comunitário. Emoções positivas inundam o nosso cérebro com dopamina, serotonina (substâncias químicas) que nos fazem sentir bem, num estado de espírito positivo. Isto é, Felicidade é mais do que um estado de Espírito, ele requer prática e empenho, buscar objetivos de vida que façam sentido, identificar oportunidades no mundo, cultivar uma cultura otimista e de gratidão e manter relacionamentos sociais de valor.

Entretanto, o ponto de apoio e a alavanca é ajustar o cérebro para enxergar maneiras de nos elevar acima das nossas circunstâncias e perceber o trabalho como missão. Treinar nosso cérebro para procurar e encontrar o positivo, para coisas boas, as possibilidades presentes em todas as situações do dia.

Vivemos numa sociedade intensamente preocupante, marcada por mudanças repentinas, conflitos e divisões sociais, na qual os desafios, dilemas e paradigmas são dos mais variados e complexos, principalmente quando nos deparamos com o exercício diário de nossa prática docente. O ser humano é um projeto de vida, um projeto do ser e um projeto capaz de autorrealização.

O grande sociólogo Florestan Fernandes nos ensina que “a vida é uma verdadeira aula”, estamos sempre em busca de um ideal, mudamos o rumo das nossas vidas, trabalhamos, estudamos, construímos família, estudamos de novo, e que tudo isso pode se transformar de acordo com o seu tempo e todas as relações sociais, mostrando que devemos ousar e algum momento da nossa vida sair da teoria para a prática.

Diante aos paradoxos da felicidade vivenciados na contemporaneidade e na busca por respostas de diferentes dimensões em torno dela, evidencia-se nesta pesquisa assumir alguns pressupostos e práticas que nos levam a compreender o conceito de felicidade com mais complexidade, mesmo que esse conceito pareça ser, de certa forma, um conceito auto imposto por uma sociedade que está sempre em busca de algo para suprir, que necessita estar feliz em todo momento e a qualquer hora do dia, sendo isso o que nos move para que essa pesquisa consolide-se no meio do trabalho docente.

Pensando assim, o tema vem ao encontro das ciências sociais, para o entendimento e para a prática social, sem esquecer que não estamos pensando em uma cura para os males sociais, como alguns positivistas gostariam, mas em possibilidades de construção que dependem do esforço de outros atores em outras áreas e instituições da sociedade para uma vida boa e feliz.

## 4 A FORMAÇÃO DE UMA CIÊNCIA

Para validar este estudo sobre a felicidade, é importante que seja bem definido o que se entende por ciência, que é o que nos dá embasamento científico no campo das ciências sociais, ou seja, faz-se necessário compreender o papel da ciência para este estudo. Sabe-se que o tema abordado é sempre mais debatido no campo da filosofia, mas é possível ser estudado no campo da sociologia, conforme será feito.

Esta análise nos faz lembrar a discussão pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2008) sobre as mudanças nos paradigmas da ciência moderna, na qual o autor define uma tendência importante de não mais separar valores cognitivos de valores éticos e políticos. Esta, que é uma discussão sempre autêntica nas ciências sociais, parece ser retomada agora com os novos desafios que a realidade nos traz, a luta pela sobrevivência da espécie humana no debate atual sobre o consumo.

É importante entender, em um primeiro momento, a dimensão epistemológica do paradigma do debate acerca do que é o objeto das ciências sociais e a relação desta noção com a concepção de sujeito. As ciências buscam conhecer a realidade empírica mediante observação do que ocorre na convivência humana ou do que ocorreu em outros tempos no mundo do conhecimento científico, ou seja, da realidade dos fatos. Para isso, Weber (2006) coloca que a concepção de objetividade no viés do conhecimento científico se atém aos fatos que não envolvem avaliações.

Max Weber (2006) parte da sociologia compreensiva para analisar o indivíduo e a ação social. A ação social é o objeto central da sociologia de Weber que se define através da relação com outras ações sociais, é uma ação individual, o indivíduo age orientando-se nas ações de outros. É aquela ação em que o indivíduo pratica algo visando o outro, estabelecendo uma comunicação ou atingindo outros.

Para Weber, a função de um cientista social é justamente compreender essas ações sociais, pois a ação individual somente terá significado quando envolver outra pessoa, como sentido subjetivamente visado. Partindo da análise das ações individuais subjetivas, Weber busca assimilar questões sociais mais gerais que definem a sociedade como um todo, entendendo a sociologia como uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e seus efeitos. Por “ação” entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem

com um sentido subjetivo. “Ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto ao seu sentido visado pelo agente ou os agentes, refere-se ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (WEBER, 2004, p. 3).

Segundo o sociólogo, o objeto das ciências humanas são conceitos, sendo o campo das humanidades dentro das ciências sociais muito amplo, ou seja, o domínio do trabalho científico não tem por base as conexões “objetivas” entre as “coisas”, mas as conexões conceituais entre os problemas. Por exemplo, observa-se um problema, consegue-se determinar um conceito para ele e assim faz-se conexões.

O pensador Max Weber, idealizador da Sociologia e da análise da sociedade como prática científica, sustenta a “neutralidade axiológica” na produção do conhecimento. Para Weber, os sistemas são padrões de ação e interação no qual a única maneira de estudá-los e compreendê-los é pelo exame do significado que os atores dão ao que fazem. Neste sentido, Weber nos coloca a questão da “objetividade” como algo a ser questionável, compreendido especialmente no campo das ciências sociais. Para isso, cria um método dos tipos ideais como uma ferramenta para compreender o conteúdo da realidade estabelecendo um ideal racional.

Nesse sentido, o sociólogo nos coloca como uma apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido, o “típico-ideal”, que serve como um parâmetro de observação, construções teóricas utilizadas pelo sociólogo para analisar a realidade. E mais, a compreensão como uma conexão do sentido, o uso como uma forma de regularidade na ação social, advindo de diversas formas da sociedade, como a moda, costume (regularidade pelo hábito), situações de interesse, referentes afins, que podem se estabelecer por convenção e direito (quadro coercitivo especializado) estabelecendo assim certas ordens vigentes ou modelos de comportamento.

Weber, quando desenvolve o conceito da neutralidade axiológica, apresenta a análise lógica das causalidades nos fenômenos sociais ligada a dominação de meios técnicos que levem a determinados fins, fazendo ainda uma crítica à noção de valores supostamente universais. Entretanto, o conhecimento produzido, para ser científico, deve ser neutro e objetivo. Weber busca uma neutralidade científica, isolando a sociologia dos movimentos revolucionários.

O sociólogo nos traz a ideia quanto as formas de uso na ação social, pois a realidade voltada para o mundo espiritual agora se mostra numa esfera financeira, acúmulo e busca pelo lucro. Os calvinistas pregam a justificação pelos atos para alcançar a salvação, sendo que através do exercício da vocação deve-se buscar os

sinais da salvação. Ou seja, numa lógica que parte da vocação, através do trabalho, obtendo o lucro e assim resultará a salvação como fim e pensa a religião como um instrumento de salvação. Weber coloca a racionalidade como determinante no desencantamento do mundo e observa como a transformação social aperfeiçoou a transformação do próprio caráter da ação social dos indivíduos onde as ações passam a ser racionalizadas de acordo com as normas religiosas, ou seja, a ação racional desconhece o seu fim até então e assume a acumulação pura e simples como o próprio fim.

No entanto, essa busca pela eficiência por si só, os sentimentos, a espiritualidade e os valores morais diminuíram em importância construindo uma irracionalidade, uma lógica reprodutiva sem sentido, ou seja, uma jaula de ferro.

Weber observou que na sociedade industrial moderna a vida de todos é moldada pelo permanente conflito entre eficiência impessoal, organizacional e as necessidades e desejos dos indivíduos tem sido contido pela jaula de ferro da racionalização. Neste sentido, Weber, para isso, cria um método dos tipos ideais como uma ferramenta para compreender o conteúdo da realidade estabelecendo um ideal racional. Pode-se dizer ainda que é na função social da Ciência e nos diferentes desafios que a sociedade lhe impõe que reside a necessidade de contar com a constante crítica para a construção de um saber científico conectado com estes desafios.

Em consonância com Weber, o sociólogo francês Émile Durkheim pensou a sociologia como uma maneira sistemática de compreender o desenvolvimento da sociedade moderna. Durkheim tenta compreender como a sociedade, com base nas crenças e sentimentos compartilhados, manteve-se coesa diante de tantas rupturas e instabilidades ao longo desse processo de modernização.

Segundo Durkheim, estudo da solidariedade pertence ao domínio da sociologia, que o mesmo compreende e descreve como um fato social e depende de nosso organismo individual. Para Durkheim, a solidariedade é que conserva as sociedades coesas e coloca a moral como conceito chave de sua análise, que condiciona e determina as ações dos indivíduos. As sociedades, formadas pelas relações a partir das ações dos indivíduos, são cerceadas pela existência de regulamentações e normas. Através das relações logo exige uma regulamentação, uma norma. Para isso, o sociólogo destaca a moral, que abrange os interesses



coletivos, de crenças, regras, que conduz as ações individuais a partir de um ideal a ser seguido e o agir de acordo com a moral seria circunstância natural do ser humano.

Neste sentido, são fatores como as regulamentações acima mencionados que unem os indivíduos numa sociedade e geram um sentimento de solidariedade entre aqueles que desempenham as mesmas funções, mantendo assim a harmonia, união, uma ordem social. Basta agir contra a moral que vamos sentir a coerção. É possível pensar que o autor pensa a moral como um dever que precisa ser obedecido, o qual as pessoas desejam desempenhar a partir das regras e normas.

Durkheim enfatiza que, mesmo existindo uma consciência individual que dá a forma aos indivíduos refletirem e interpretarem a vida, dentro dos grupos sociais, o que determina no modo de viver é consciência coletiva, ou seja, o conjunto de crenças e sentimentos de uma mesma sociedade, sendo a forma da moral como destaque. É o caso sobretudo da moral, como modelo para sustentar uma ciência embasada na observação da essência dos fatos, ou seja, pautado num discurso mais ideológico.

No que concerne ao detalhe das regras jurídicas e morais, elas não teriam, por assim dizer, existência por si mesmas, mas seriam apenas essa noção fundamental aplicada às circunstâncias particulares da vida e diversificada conforme os casos. Portanto, o objeto da moral não poderia ser esse sistema de preceitos sem realidade, mas a ideia da qual decorrem e da qual não são mais que aplicações variadas. Assim, todas as questões que a ética se coloca ordinariamente referem-se não a coisas, mas a ideias; o que se trata de saber é em que consiste a ideia do direito, a ideia da moral, e não qual a natureza da moral e do direito considerados em si mesmos. Os moralistas ainda não chegaram à concepção muito simples de que, assim como nossa representação das coisas sensíveis provém dessas coisas mesmas e as exprimem mais ou menos exatamente, nossa representação da moral provém do próprio espetáculo das regras que funcionam sob nossos olhos e as figuras esquematicamente.

Porém, para Durkheim, a moral deve ser analisada com base no que realmente é e no que os indivíduos acreditam e integram em suas relações. Isto é, compreender de maneira objetiva, sociológica, o que é de fato a moral, suas causas e funções. Um exemplo empírico que Durkheim usa para caracterizar a solidariedade e sua função é o Direito, no qual aparece sistematizada nas convenções sociais e materialização das regras morais da sociedade. Para ele, no entanto, a divisão social do trabalho era algo positivo, pois a sociedade funcionava como um organismo. Para sua manutenção

seria necessário que cada indivíduo desempenhasse uma função específica, ou seja, na organização dos interesses coletivos através das ações individuais. Nesse sentido, os princípios da divisão do trabalho são morais e mantem a sociedade coesa.

#### 4.1 A FELICIDADE COMO OBJETO DA CIÊNCIA

O sociólogo define o objeto para estudo da sociologia pelo fato social que define a ação dos indivíduos na sociedade e, na sua perspectiva, deve ser analisado como “coisa”, ou seja, distanciar-se das pré-noções, deixando de lado a sua subjetividade para análise extremamente objetiva e neutra do objeto como algo exterior. O fato social ainda pode ser normal e patológico, normal no sentido de ser um fenômeno que se repete com frequência naquela sociedade, com regularidade, e patológica no sentido que ocorre eventualmente de forma extraordinária.

Durkheim tenta explicar como a sociedade se mantém coesa diante de tantas rupturas e instabilidades e de que forma o fato social determina a vida social e a ação do indivíduo, justamente porque esse fato exerce uma coerção moral. Durkheim coloca que não somos somente afetados pela coercitividade, mas somos reprodutores dela através da moral. Durkheim denomina solidariedade mecânica a uma consciência coletiva, que perpetua de crenças, padrões e sentimentos comuns da sociedade, que, contidos pelo “direito penal”, caminham para uma interdependência necessária para a evolução da sociedade. A solidariedade mecânica está vinculada a moralidade, como um ideal coletivo, que coage e direciona a ação do indivíduo. Durkheim coloca como exemplo a religião, que com sua retirada, com o aumento da consciência individual cria outro tipo de solidariedade, a orgânica. Coloca, ainda, que nessas circunstâncias, com essa diminuição de normas e regras, denominada como anomia, fazem surgir consequências, levando o indivíduo ao suicídio, visto por ele como um aspecto coletivo, sendo a religião como um ideal a ser seguido e praticado coletivamente.

O ser humano é um projeto de vida, um projeto do ser e um projeto capaz de autorrealização. Para isso, Bourdieu (2003) destaca a sociologia reflexiva como constante vigilância em relação ao cientista como ser produtor de conhecimento, em relação ao próprio campo científico e ao objeto de estudo.

A Ciência, de certa forma, não se desconecta da sociedade, naturalmente seria também influenciada por estas problemáticas. Assim, o cientista será aquele em

condições de identificar a interferência destas assimetrias no conhecimento produzido e, além de denunciá-las, tentar afastá-las na medida do possível de suas teorias. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, mediatizadas pela lógica do campo.

Entende-se que o método é um meio, um caminho para atingir certos objetivos, ou seja, o método não pode ser separado da pesquisa, o conhecimento científico deve alinhar método e prática. Conforme Bourdieu, o objetivo do método é formar um bom sistema de hábitos intelectuais para que a prática da sociologia empírica, por sua vez, mantenha o seu rigor e sua força à verificação experimental. Então é extremamente importante que a prática sociológica se submeta a reflexão epistemológica para que se encontre os erros e possíveis formas de superação.

A questão de saber o que é fazer ciência ou, mais precisamente, o esforço dispendido para saber o que faz o cientista, quer ele saiba ou não o que faz, não é somente uma indagação sobre a eficácia e o rigor formal das teorias e métodos disponíveis, mas um questionamento dos métodos e teorias em sua própria utilização para determinar o que fazem aos objetos e os objetos que fazem (BOURDIEU, 2003, p. 21.)

Bourdieu ressalta um obstáculo que existe na construção do conhecimento do sociólogo: o da proximidade com seu objeto de pesquisa, que muitas vezes resulta em sistematizações e ou concepções fictícias. Outro ponto a ser refletido é o desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões que se tornam processos essenciais na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam em nosso cotidiano.

Os dilemas morais e éticos enfrentados na prática profissional do sociólogo trazem como discurso central a reflexão ética nas ciências sociais como algo que perpassa a trajetória das ciências, colocada como algo imposto ao profissional, para que reflitam sobre os propósitos e objetivos da sua pesquisa. Remetem-nos a pensar ainda sobre o trabalho de pesquisa sociológica, que, por vezes, envolve ir além do nosso entendimento, do senso comum, sendo em certos momentos contrários as nossas opiniões, mas que precisam respeitar de certa forma preceitos morais e éticos.

Neste sentido, a ética da pesquisa e ética profissional em sociologia, de acordo com Lima (2015), pressupõe que a sociologia muitas vezes se difunde na formação de um saber crítico, muitas vezes evidencia posições “ideológicas, generalizadas,

simplificadas”, comprometendo assim a disciplina. Isto é, a pesquisa precisa ser nossa aliada para melhor entender as nossas vidas sociais, é preciso romper esse modo especulativo para tornar as questões mais precisas através de um método de investigação, ou seja, da realidade dos fatos.

Certamente precisa-se assumir alguns pressupostos, práticas que nos levam a compreender o conceito de felicidade e trabalho. É justamente na tentativa de definir uma cientificidade que Popper (1980) principia a definição das características necessárias a um saber para que ele seja considerado científico. Dentre essas características está o caráter de refutabilidade do conhecimento que se produz, isto é, a possibilidade de testar uma teoria e prová-la verdadeira deve conter a mesma possibilidade de provar-se falsa.

Nessa lógica, Weber propõe discutir o sentido da objetividade do conhecimento empírico-social, analisando, em um primeiro momento, o conhecimento empírico a se contrapor com juízo de valor. O autor critica as ideias de “lei” e sua conexão regular com as ciências sociais e ainda discute a estrutura da formação dos conceitos típicos-ideais como recursos metodológicos.

Sendo assim, o autor coloca como processo comparativo o conflito de métodos entre as ciências naturais e as ciências sociais, o que significa que os recursos metodológicos necessitam de pesquisa para apreender e organizar a realidade social. É por conta disso também que Weber critica as tradições econômicas marxistas assegurando que as mesmas não seriam capazes de alcançarem um conhecimento da realidade, isso por que para ele os métodos de pesquisa não podem partir de leis gerais. Ao contrário, o pesquisador deve analisar e expor os agrupamentos individuais contextualizando-os com fatores historicamente dados e com suas combinações concretas e significativas, através de um resgate histórico, constatações de relações conceituais, aprofundando a análise para assim chegar, se possível, a um ponderamento de possibilidades futuras. Quanto mais gerais e abstratas as leis, menor a compreensão do sentido dos fenômenos culturais, considerando que, para Weber, a cultura, o valor e os significados contribuem para a formação individual, pois as ciências sociais devem se valer de aspectos qualitativos na formação teórica dos conceitos para a análise de uma realidade cultural. Outro ponto colocado por Weber é a ideia de “tipo ideal”, sendo importante para o entendimento desses fenômenos. O termo é utilizado como ferramenta metodológica que auxilia na compreensão da realidade social, sendo colocado como mecanismo de construção de conceitos e

aproximação com o objeto. “Tipo ideal” não é uma hipótese ou ponto de partida, não é imposto como norma, não é colocado como ideal em um sentido de modelo de vida, além de que não objetiva um “dever ser”, mas, sim, busca a reunião de dados ideais de alguns aspectos a serem analisados, identificando suas características semelhantes e, a partir disso, construindo e auxiliando na compreensão da realidade, através de observações e situações reais. Assim, finalmente, chega-se a uma ideia de “modelo ideal”, que servirá como parâmetro de análise, um desvio para mais ou para menos a partir desse padrão.

Nesse sentido, Weber coloca a compreensão da ação do sujeito como hipótese explicativa de algo, sem a necessidade de se colocar um juízo de valor como certo ou errado, a partir da assimilação da racionalidade, que seriam avaliações realistas de verificabilidade para a pesquisa, assim como de acepções irracionais, onde há a aceitação do sentimento do indivíduo colocado no processo. Por exemplo, o conceito de capitalismo não é neutro no sentido de representar uma relação objetiva válida para todos os lugares e tempos, mas expõe simples pontos de vista cientificamente informados.

Neste sentido, a ciência social puramente objetiva é não só impossível, mas indesejável, uma vez que a própria natureza da vida social requer que usemos de empatia para levar em conta compreensão e significado subjetivos.

Weber, quando desenvolve o conceito da neutralidade axiológica, apresenta a análise lógica das causalidades nos fenômenos sociais ligada a dominação de meios técnicos que levem a determinados fins, fazendo ainda uma crítica a noção de valores supostamente universais.

Entretanto, o conhecimento produzido, para ser científico, deve ser neutro e objetivo. Weber busca uma neutralidade científica isolando a sociologia dos movimentos revolucionários. Assim, Weber parte da ação racional com base na ciência para o desenvolvimento do conhecimento humano sem um fim último, ou seja, não acredita na ideia de valor universal, de interesses comuns dos indivíduos.

Através disto, entendeu-se que existe um limite na produção do conhecimento científico que impossibilita a ciência de responder certas questões valorativas da sociedade. O que se percebe em diversos teóricos, positivistas ou não, é o apreço à Ciência como uma atividade feita por várias pessoas, em coletividade. Eis aqui uma grande questão que define a produção do conhecimento hoje: uma pesquisa se baseia em percepções anteriores, molda-se no debate com os pares, é difundida, reproduzida

e até mesmo refutada pelos que a acessam depois de divulgada. Kuhn (2013), ao analisar a história da prática científica, reconheceu a existência de paradigmas que moldam a produção do conhecimento, além de constranger pensamentos que distorçam dos ideais compartilhados pela coletividade.

A Ciência, como uma atividade de um grupo, atribui a suas práticas regras de conduta formais e informais. Para mais do que a força informal dos paradigmas, como exemplificou Kuhn (2013), existem regras formais que moldam métodos universais para a prática científica. Estes métodos são resultado de debates que, através de séculos, construíram formas de produzir um conhecimento que fosse diferente do conhecimento popular e próximo de uma descrição da realidade material. O debate entre a neutralidade do sujeito, sua aproximação com o objeto e sobre a forma como deve ser tratado é, sem dúvidas, um dos debates que marcam as Ciências Sociais desde seus primórdios. O que nem sempre se percebe é que, enquanto este debate acontece no plano das ideias, sua síntese já está concretizada no dia-a-dia das universidades e centros de pesquisa. Neste sentido, são fundamentais as críticas a esta estrutura para que ela possa ser, na medida do possível, alterada e esteja cada vez mais próxima de uma explicação descompromissada com interesses políticos e pessoais (ainda que este fundamento seja um ideal).

Pierre Bourdieu (apud ORTIZ, 2003), através de seu conceito de campo, percebeu como o campo científico engloba dinâmicas de dominação (baseadas na disputa por uma certa autoridade) que rondam a produção do conhecimento. O próprio Giovanni Sartori (2004), um dos pais da Ciência Política, chegou a publicar críticas a respeito da evolução de sua disciplina, tanto em termos epistemológicos quanto metodológicos e seus questionamentos trouxeram à luz sugestões como as de Martin Retamozo (2009), chamando a comunidade científica para o desenvolvimento de uma teoria política latino-americana. Trata-se de questões, até mesmo políticas, muitas vezes insuperáveis que permeiam a vida humana em seus mais diversos aspectos, mas fundamentais para a compreensão do contexto em que certas teorias científicas surgem. Ora, se a Ciência não se desconecta da sociedade, naturalmente seria também influenciada por estas problemáticas. Porém, o bom cientista será aquele capaz de identificar a interferência destas assimetrias no conhecimento produzido e, além de denunciá-las, tentar afastá-las na medida do possível de suas teorias.

Kuhn, historiador da ciência norte americano, desempenhou um importante papel para tornar o trabalho científico mais compreensivo para os sociólogos. O

argumento básico de Kuhn diz que a ciência não é diferente de qualquer outro fenômeno social, o que significa que é influenciada e moldada pelas características culturais e estruturais dos sistemas sociais nos quais é realizado o trabalho científico. Kuhn discute sobre o processo da Revolução Científica como um paradigma que é substituído pelo outro, rupturas. Isso acontece quando o acúmulo de observações científicas e os resultados delas decorrentes, chamadas anomalias, colidem com o paradigma predominante e não podem ser explicadas por ele. Assim, a multiplicação das anomalias faz surgir a crise, que o mesmo define como uma perda do controle por parte da ciência normal. A crise é resolvida pelo surgimento de um novo paradigma que constitui a Revolução Científica, que por sua vez continua a praticar ciência sob nova orientação e assim sucessivamente.

Kuhn propõe um estudo da ciência de uma perspectiva não-cumulativa, enfatizando a importância dos elementos históricos e sociais na construção das bases do pensamento científico a partir dos conceitos de paradigma, ciência normal e revolução científica. Escreve em um período em que já vinham sendo traçadas algumas linhas de pensamento partindo de uma perspectiva não-cumulativa de desenvolvimento da ciência e apontando para a necessidade de concentrar-se em outros elementos para o estudo da história das ideias. Aponta o autor:

Em vez de procurar as contribuições permanentes de uma ciência mais antiga para nossa perspectiva privilegiada, eles procuram apresentar a integridade histórica daquela ciência, a partir de sua própria época. Por exemplo, perguntam não pela relação entre as concepções de Galileu e as da ciência moderna, mas antes pela relação entre as concepções de Galileu e aquelas partilhadas por seu grupo, isto é, seus professores, contemporâneos e sucessores imediatos nas ciências (KUHN, 2013, p. 22).

Nesse sentido, como identifica o autor, a importância da “integralidade histórica” para compreender a ciência em determinado período leva necessariamente a um exame das condições em que tal ciência se desenvolve, incluindo questões como o contexto histórico, social, político, entre outros, elementos fundamentais para a compreensão do processo de estruturação da ciência pelo paradigma científico.

Para a história da ciência foi justamente considerar o conhecimento científico como dependente dos fatores sócio-históricos de uma comunidade científica, sendo sua obra uma peça fundamental para o desenvolvimento de uma nova perspectiva no estudo da história da ciência, ou seja, “a ciência normal, atividade na qual a maioria dos cientistas emprega inevitavelmente quase todo seu tempo, é baseada no

pressuposto de que a comunidade científica sabe como é o mundo” (KUHN, 1998, p. 24). Há respostas para uma série de questões que vão organizar sua forma de compreender o mundo e mesmo determinar seus objetos de pesquisa e metodologias. Para o autor, a observação e a experiência restringem drasticamente a extensão das crenças admissíveis em favor de uma única concepção de mundo, pois, do contrário, não haveria ciência. E mais ainda, nos períodos em que há um paradigma estabelecido, “a ciência normal frequentemente suprime novidades fundamentais porque estas subvertem necessariamente seus compromissos básicos” (KUHN, 1998, p. 24).

O paradigma atua, nesse sentido, “como um norte para a produção científica, sendo precisamente o estudo dos paradigmas o que prepara o estudante para ser parte da comunidade científica na qual atuará mais tarde” (KUHN, 1998, p. 30), onde se encontrará com cientistas que desenvolvem seus estudos a partir das mesmas bases e modelos de pensamento. O cientista passa por uma espécie de “treinamento” científico baseado no paradigma no qual está inserido e atua a partir de modelos que adquire no próprio processo de educação científica aos quais está comprometido. Estar vinculado a um paradigma, portanto, pressupõe um comprometimento com uma série de modelos e regras e um consenso acerca da forma como se vê o mundo.

A ciência normal é a produção científica que se desenvolve sob a vigência de um paradigma. É definida por Kuhn como “a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas” (KUHN, 1998, p. 29), realizações que são reconhecidas por algum tempo e transmitidas ao futuro, fundamentando a prática científica que se desenvolve a partir daí.

Dessa forma, nessa perspectiva, o paradigma e a ciência normal são uma via de mão dupla, enquanto o paradigma atua como um conjunto de regras, valores e métodos que determinam as bases epistemológicas, teóricas e metodológicas da produção científica, quase que a totalidade da ciência normal, que se desenvolve durante o período paradigmático. Dedicar-se majoritariamente a resolver problemas específicos estabelecidos como relevantes pelo paradigma, de forma semelhante à resolução de um quebra-cabeças, reforçando dessa forma o próprio paradigma e sua agenda científica.

Enquanto Kuhn critica uma história das ideias que se preocupa somente em explicar o processo de acúmulo de conhecimentos, teorias, práticas e métodos ao já existente corpo científico, e também seus obstáculos, trabalha com a concepção de



revolução científica, caracterizada como “episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KUHN, 1998, p. 125); há um esgotamento do paradigma, que deixa de responder satisfatoriamente às questões colocadas pelo processo científico. Inicialmente restritas a partes específicas da comunidade científica, essa insatisfação gera um grande sentimento de insuficiência, que vai culminar em uma crise - elemento essencial para uma revolução, uma mudança de paradigma.

Podemos pensar ainda na ideia de Pareto, quando relaciona os métodos da ciência como positivada, como parte da relação humana. Coloca a racionalização como prática de justificar alguma coisa após um fato, por exemplo, um país toma posse de recursos ou território de outro país e se justifica de modo mais sociavelmente possível e aceito. O autor denomina essa prática como *resíduos*, que são os sentimentos, é uma constante e *derivações* como justificativas variáveis. Esse processo, de acordo com o mesmo, se dá por aglutinação, é uma relação positiva, hiperemocionada, porque existem condições para que isso ocorra. Enfim, a racionalidade num primeiro momento é de interesse, tem utilidade, tem objetividade e num segundo momento é referência, subjetiva.

A partir do início da segunda metade do século XX, começam a delinear-se novas perspectivas para o estudo da história da ciência. Esse discurso, muitas vezes vigoroso, protagonizado por partes absolutamente fieis a suas posições, é um dos elementos que garante a evolução da Ciência.

Giovanni Sartori (2004) critica o que chama de irrelevância precisa, uma tendência que traz à disciplina uma crença na suposta neutralidade e confiabilidade dos números e pouco explica sobre a realidade e convida os cientistas políticos a uma guinada que pode recobrar a vida do conhecimento produzido. O consenso, de fato, é inatingível, seja ele na resposta para o grande dilema da neutralidade do sujeito, ou seja, em uma teoria específica sobre um determinado fenômeno social. Não se chegará nunca a certezas, principalmente nas Ciências Sociais, onde o objeto é um complexo em constante mudança. É o diálogo que permite a crítica, a transformação, o aperfeiçoamento e ele só é possível em um ambiente livre e democrático, com sujeitos abertos a estas críticas e comprometidos com uma Ciência que cumpra sua função social.

## 5 TRABALHO

### 5.1 A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

Compreender as representações de felicidade demanda um maior aprofundamento de categorias. Deste modo, para chegar ao pensamento da pós modernidade que é o foco dessa dissertação, define-se alguns elementos sobre o trabalho com a ideias dos clássicos, compreendida de forma diferente e só assim, na sequência, depois dessa introdução, aprofundar essas ideias com autores pós modernos.

Durkheim (1999) relaciona a divisão social do trabalho com uma forma de solidariedade, denominada orgânica, na qual cada um desenvolve o seu papel, a sua função como se fosse um organismo vivo, caso contrário a sociedade sofreria um colapso. Nesse tipo de sociedade, a coesão social é garantida a partir do direito, regras e leis.

Weber (2004) analisa a divisão social do trabalho como uma trajetória ao longo da história. Mesmo não analisando a sociedade industrial, acredita que a sociedade deva ser organizada de uma forma racional, produzindo o necessário, minimizando custos, ou seja, em uma forma racional de produzir e compreender.

O conceito de trabalho aqui evidenciado busca explicar a realidade social da história nas relações sociais, determinadas pela satisfação das necessidades da vida humana, condição fundamental de toda a história. Os processos de transformações sociais se dão através dos conflitos entre os interesses e diferentes classes sociais. As contradições da economia política burguesa que reconhecia no trabalho a origem de todo valor e toda riqueza de fato privilegiava a propriedade e não o trabalhador. É uma dialética que reconhece a natureza, a matéria, como ponto de partida a ser transformado pela ação do ser enquanto sujeito, o trabalho, que estamos buscando analisar aqui.

O conceito de trabalho, num viés histórico, perpassa pela lógica da relação do sujeito com a natureza. Em um sentido mais amplo, o trabalho é uma atividade através da qual o ser humano modifica o mundo, a natureza, de forma consciente e voluntária para satisfazer as suas necessidades básicas de sobrevivência. Então, o trabalho é visto como um fator histórico, é a essência do homem enquanto ser, isto é, a condição indispensável da sua existência, pois quanto mais eu projeto o meu

trabalho para fora de mim mais distante da minha essência eu fico. E mais, propõe um novo modo de entender a realidade humana, a história ocorre na ação real dos seres humanos. Essa história do homem enquanto ser, é a história do que produzem e como produzem, ou seja, a relação material entre as pessoas, que só se modifica quando são modificados os modos de produção. A partir das práxis humanas, a historicidade, comparada a uma ideologia marxista, mas que não é o foco, demonstra que, através da análise da vida real dos indivíduos da ação consciente sobre a natureza - mais especificamente sobre modo de produção dessa sociedade -, os indivíduos produzem e se constituem a partir dessa produção. A práxis como forma de designar uma relação dialética entre o ser humano e a natureza, que ao transformar a natureza com o seu trabalho, transforma a si mesmo.

No entanto, o trabalho é o ponto central de análise, num viés histórico dos homens, é a noção mais objetiva, que foi desenvolvida para se organizarem em sociedade. O método dialético coloca elementos contraditórios em sua análise e a busca de um conhecimento sobre determinado fenômeno, que está sempre em movimento, explica o contexto a partir da atividade humana concreta, deixando de lado as noções metafísicas.

No entanto, uma análise objetiva e materialista da sociedade, com base nas dinâmicas produtivas geradas pelo trabalho, pode ser facilmente observada quando examinamos o processo pelo qual passou a humanidade longo da vida dentro de sua realidade, visto que o trabalho seria essa ação do indivíduo sobre a natureza para a satisfação material de suas necessidades, da busca da felicidade, do bem estar. Enfim, o capitalismo produz a alienação do ser humano em relação à sua essência, principalmente quando se está inserido e focado em seu trabalho, podendo ser humano ou desumano. Através da força e injusta do capitalismo e possíveis formas para tentar superar essa exploração desse trabalhador, aqui evidenciamos nessa pesquisa.

No sistema capitalista, ainda pautadas pelo trabalho, envolvidos na dinâmica produtiva e competitiva, não pode mais trabalhar sem amarras, livremente, sujeito aos desmandos do patrão e não possui o resultado de seu trabalho, a mercadoria. Só exerce sua essência com autonomia quando se sujeitar e abdicar de suas preferências. Tal concepção identifica o trabalho como a essência do ser humano, porém essa essência, no capitalismo, é alienada dos trabalhadores e apropriada por outros sujeitos, criando uma violação dos direitos do outro. Essa compreensão acerca

da sociedade capitalista, segundo a qual os trabalhadores se encontram alienados de sua essência, tem a relação alterada pelo trabalho a tal ponto que o “homem”, como ser consciente, faz da sua essência um meio para sua existência.

Neste sentido, ao fazer a análise empírica do processo trabalhista no contexto histórico, demonstra como uma sociedade sofreu golpes de estado, pela ausência da consciência de classe, produto de uma sociedade segmentada que não entende a relação entre a posição de seu trabalho na sociedade para definir seus interesses.

## 5.2 O TRABALHO EM FOCO

Para gerar luz a essa dissertação, para fundamentar o campo da pesquisa que é trabalho docente, é fundamental que se defina o que é trabalho, trabalho docente e a constituição da identidade. No âmbito do trabalho docente, as insatisfações vividas pelos professores não se restringem apenas ao campo salarial e à carreira. As dificuldades decorrentes entre o que é estabelecido pelas políticas educacionais, previstas em lei, que se desdobram nas orientações para o funcionamento da escola, no dia a dia vivenciada no exercício da docência, é que o que muitas vezes contribui na construção da identidade desse profissional, contribuindo para um constante desconstruir de identidades.

Conforme Pimenta (1999) “uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão e dos significados sociais a ela atribuídos pelas instituições sociais e políticas, pelos sistemas de ensino, pelas culturas geracionais, pelos pais, alunos e pelos próprios professores”. Ou seja, são saberes da docência que emergem da situação, vinculada na articulação dos saberes da docência, o pedagógico, o conhecimento e da experiência, os fundamentos da identidade do saber ser professor.

Tardif, reforça essa ideia, que o saber do docente é único e exclusivo dele e que está relacionada com a sua identidade pessoal e profissional. Tanto que em seus estudos, deixa claro que a existência dos saberes advém da formação profissional, disciplinar, curricular e experimental. Pois, Tradif e Pimenta se aproximam muito da identificação desses saberes que acompanham a tarefa diária dos professores, do saber ser e saber fazer, adquiridos no contexto de sua história de vida, principalmente no exercício de sua função docente. É válido destacar que no exercício de sua função docente, Tardif (2003, p. 18) “esclarece que o saber dos professores é plural,

composto, estratégico, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas (...) e de natureza diferente”. Ou seja, é temporal e fundamental para a realização do trabalho mais compartilhado, do ser, do saber fazer num todo integrado e humanizado.

Nesse sentido, ser professor, requer a apropriação de conhecimentos para formação de uma teoria da própria formação docente. Pois, não só apreende saberes, mas também os produz e vice versa, através da ação prática educativa, de seus anseios e experiências. Isso não pode ser ignorado, precisa ser evidenciado, que o professor não deixa de ser a pessoa que é quando assume a função docente, profissional, não deixa de lado seus saberes pessoais, de sua existência.

A constrante busca em compreender o ensino, em meio a tantas crises institucionais em que vivemos, pensar o ensino, o trabalho docente como um ofício. Isso, nos leva a entender aspectos importantes reconhecendo as diferentes dimensões como a trajetória de cada um, de trabalho em equipe, que não se limitam a essa crise, de dúvidas, anseios e incertezas, mas sim, define hoje a sua identidade e sua profissão docente como vocação.

O trabalho, efetua-se, torna-se objetivo na ação humana produtiva sobre a natureza. Essa circunstância deixa o indivíduo alienado de sua essência, perdendo as noções de controle sobre o processo produtivo e sustento da propriedade do seu trabalho objetivado, isto é, está estranhado do outro, da essência humana. Todo esse processo de alienação do ser humano de sua essência no sistema capitalista acaba gerando uma classe oprimida, desencadeando a miséria da classe trabalhadora. O ideal nesse contexto, já que não aconteceria uma emancipação humana universal, seria a emancipação de uma classe peculiar, uma revolução parcial, que, pela sua condição, emancipa-se e alcança o domínio universal da sociedade. Entretanto, a sociedade se constituía com base nas condições materiais, que, através do trabalho, como uma interação do ser humano com a natureza, conscientemente se modifica para alcançar um determinado objetivo. Isto é, o trabalho é a forma pela qual o ser humano se apropria da natureza a fim de satisfazer suas necessidades, como vimos anteriormente.

No processo de trabalho, a atividade humana é materializada e fica ainda mais evidente como o trabalho estrutura a organização social. O conceito de trabalho abstrato é diferenciado do trabalho concreto, pois o último é empreendido em prol da agregação de valor a uma mercadoria para satisfazer as necessidades humanas,

resultado do trabalho, e coloca mercadoria como duplo caráter, o valor de uso como resultado do trabalho humano e concreto, útil e individual, e o valor de troca como o resultado do trabalho humano, abstrato e geral.

Nesta perspectiva, é possível observar, na mesma obra, que o capital se mostra em coisas, são instrumentos de produção criados pelo ser humano e no processo de produção capitalista, não é o trabalhador que usa os instrumentos de produção, mas sim os instrumentos de produção, que por sua vez são convertidos em capital pela relação social da propriedade privada, é que usam o trabalhador. Assim, o trabalho que estabelece valores de uso é uma condição natural da existência humana, que existe independente das formas de organização social, enquanto o trabalho que desenvolve valores de troca é uma forma social, que busca compreender os fenômenos sociais das sociedades ao longo da história, ligado na ação real do ser humano, das atividades reais, do que produzem e como produzem.

As relações sociais são determinadas pela satisfação das necessidades da vida humana, condição fundamental de toda a história. Os processos de transformações sociais se dão através dos conflitos entre os interesses das diferentes classes sociais, denominado por ele como luta de classes, desde os primórdios que vai se constituindo até os dias atuais. Surgem, pois, diferentes metodologias para explicar a realidade social a partir de uma análise materialista, com elementos de contradição para uma análise mais precisa e a busca de um conhecimento sobre determinado fenômeno, com abstrações do pensamento humano onde o observador analisava o objeto apenas de uma forma superficial e incompleta do pensamento humano, capaz de explicar e captar todos os nuances e peculiaridades do fenômeno social. Coloca-se como problemática a questão da aparência de que a verdade absoluta existe e ainda é alcançável apenas pela racionalidade humana, como acreditavam os filósofos somente com um primeiro contato com o objeto.

Desse modo, a história revolucionou o pensamento, mas somente no plano das ideias. Neste sentido, através do materialismo as transformações históricas são consideradas com base em elementos que demonstram que elas ocorreram de fato, pois só há mudança histórica com a mudança dos modos de produção, o que acontece com base nas contradições de cada sistema, ou seja, são justamente os conflitos e as transformações na estrutura que determinam as transformações históricas.

A burguesia tem os elementos para produzir e a prole tem a força de trabalho. Quanto mais trabalha-se mais se empobrece. O produzir da atividade humana como

trabalho (alienado) é um resultado histórico, devido à divisão originária do trabalho. A divisão do trabalho, que acarreta imediatamente a desumanização do homem, é um processo histórico, de desenvolvimento contraditório ao criar uma totalidade de forças produtivas, um domínio total do homem enquanto ser sobre a natureza. Torna-se necessária e inevitável por parte do ser humano a apropriação dessas forças, na qual há também o desenvolvimento de uma totalidade de faculdades.

No campo da educação, o ensino precisa estar vinculado ao trabalho produtivo, pois a prática e a aprendizagem, a práxis, são necessárias para ser plenamente desenvolvido, o que elevará a classe operária.

Neste sentido, não deveria ter a separação entre trabalho intelectual e braçal, pois a educação tem a função de poder romper a alienação do trabalho pela divisão capitalista. É um processo essencial para a criação de estruturas de pensamento, para criação e manutenção das sociedades, pois a burguesia defende um ensino universal, através de novos recursos, máquinas, um ensino tecnológico prático, pleno para o desenvolvimento humano. Seria necessário mudar as condições sociais para criar um novo sistema de ensino que fosse capaz de transformar as condições sociais. A transformação educacional deveria ocorrer juntamente com a revolução social.

O trabalho é considerado como atividade humana que acompanha a própria vida. Para compreender as transformações, o reino da liberdade e a origem de nossa época, é preciso entender essas mutações e metamorfoses que vem acontecendo no mundo contemporâneo, mas, o geral, o que funciona é a lógica do capital.

As principais mudanças estão ocorrendo no mundo do trabalho, como das profundas mudanças que o capitalismo vem sofrendo em escala mundial, tanto na estrutura produtiva, quanto no universo de seus ideários, seus valores. Essa desrealização destrói-se a força humana numa sociedade descartável.

Polanyi (2000) demonstra a análise profunda de uma transformação histórica do processo econômico na civilização, na qual apresenta um novo olhar sobre os processos e as revoluções da sociedade. Ainda de acordo o autor, fatos, processos, teorias e ações elevam-se sob uma nova perspectiva para a vida humana. O capitalismo contemporâneo configurou algumas tendências, modelos – tornando uma crise estrutural, destrói a força humana que trabalha, destroçando os direitos sociais. No mundo empresarial, desregulamentação, flexibilização, terceirização são expressões lógicas societal onde o capital vale e a força humana é descartável. O autor chama de “Alienação do trabalhador”, de quem o capital rouba até suas mínimas

possibilidades do saber e fazer. Deste modo, a centralidade do trabalho e reestruturação positiva nos levam a debater, refletir e questionar a sociedade que queremos e onde estamos inseridos.

Nessa perspectiva de mudança, na ênfase das relações de trabalho, é importante destacar a pesquisa de Richard Sennett, pois vale lembrar que as reflexões de Bauman encontram apoio nas pesquisas do autor. Ambos se dedicam a analisar aos mecanismos de distanciamento dos indivíduos entre si.

Conforme Sennett (1999, p. 25), essa é uma era da “força dos laços fracos”, onde a separação e a fragmentação como condição social e existencial dos indivíduos fazem parte da nova estruturação sistêmica. Sennett analisa a queda das relações “sólidas” como confiança, solidariedade e compromisso com o outro, entre os trabalhadores, que só se reforçam no tempo e no convívio constante. Para isso, intitula como “a corrosão do caráter”, experienciada na reorganização produtiva do capitalismo da atividade flexível.

Para o sociólogo, os trabalhadores são inseridos em novas equipes e “projetos” e “pede-se que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças de curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais” (SENNETT, 1999, p. 9), visto que, além do emprego se tornar algo aleatório, a ideia de carreira se desvanece. O coleguismo no trabalho precisa de tempo para se concretizar e o ambiente institucional não favorece a formação de laços fortes entre os indivíduos.

De acordo com as ideias de Lessa, aquilo que estabelece um limite no papel político dos trabalhadores, precisa uma atenção maior no exame de mediações sociais que, urgentemente estão para além da categoria do trabalho enquanto tal, ou seja, determinações históricas precisam ser elucidadas. Em um sentido inverso, a relevância das atividades de trabalho na vida cotidiana de uma específica sociedade diz respeito a maneira pela qual é alocada a força de trabalho nos diferentes momentos do seu processo reprodutivo.

Essa dissertação traz também incursões de cunho político, quando se pensa no lugar político do trabalhador docente do educandário, pois o docente, antes de tudo, é um ser social, um cidadão, que, para os parâmetros oficiais, imprime uma noção de pertencimento à coletividade, como também de participação consciente nos assuntos que são do seu interesse. Cabe assim, aos docentes, enquanto agentes de transformação, conseguir captar o sentido da felicidade, das expressões sociais e



digeri-las, convergindo em mudanças na mentalidade e conscientização, fazendo assim, segundo sustenta Bourdieu (1977), das necessidades uma virtude.

De acordo com Lessa (2012), a confusão entre os planos ontológico, político e da vida cotidiana tem frequentemente levado a um discurso ambíguo que não atende às exigências de precisão e clareza imprescindível às Ciências Sociais, nas suas mais variadas vertentes.

### 5.3 O TRABALHO DOCENTE: EDUCADOR E INSTITUIÇÃO

A partir dos pressupostos colocados anteriormente, é possível pensar ainda que no campo de trabalho do educador existe uma escala hierárquica, situações e modelos que precisam ser percebidas. É neste cenário corroborado com as diretrizes políticas que a instituição escola vai perdendo prestígio junto à sociedade. Em meio a esse cenário bastante desalentador, é inquestionável o valor social das ações empreendidas pelos professores, o que reforça a necessidade de se analisar a importância desse grupo profissional, para tanto, há que se considerar o sentido do trabalho humano e as relações sociais.

As relações sociais e de poder no espaço de trabalho do educador podem ser compreendidas como uma questão de cidadania, que se define como um processo político, social e histórico que se constrói a partir de ambas as dimensões, individual e coletiva. Quando se fala em cidadania, faz-se recorrência imediata a Marshall, que trata desse conceito como conquista de direitos civis, políticos e sociais. Em contradição, o Estado, por sua vez, na forma como se organiza, tendo em vista uma cidadania melhor, acaba por propor e criar políticas sociais que não levam em conta o cotidiano e a construção de uma cidadania crítica, participativa e de qualidade. A cidadania é uma situação social que inclui três tipos distintos de direitos que são: direitos civis, que incluem o direito de livre expressão; direitos políticos, que incluem o direito de votar; e direitos socioeconômicos, que incluem o direito ao bem estar e a segurança social. O Estado, que perpassa por diversos tipos de poder, inicialmente defende a ideia de que é resultado de um contrato social feito pelos indivíduos a fim de se protegerem sobre os perigos reais e virtuais do estado de natureza. Logo aparece o Estado Moderno, que trata de dominação legal de tal forma que pretende o uso legítimo e o monopólio da força física dentro de um determinado território. Nesse

sentido, é uma estrutura política diretiva de controle social tendo por base a racionalização da burocracia, da justiça e, em última instância, do uso da força física.

Deste modo, poder sentir-se parte de uma nação ou estado é crucial, é o que desencadeia uma cidadania, que, por sua vez, tem a ver com a relação das pessoas com o Estado e com a nação. As pessoas se tornam cidadãos à medida que passam a se sentir parte de uma nação e de um Estado. Assim, a cidadania representa direitos civis de igualdade a todos os cidadãos, sob vigência de uma Constituição, isto é, de participar ativamente na sociedade.

A partir desses pressupostos, a instituição escolar, através de sua política, integra a nossa vida na forma como vivemos e trabalhamos, aonde acontecem os processos de interação social. A escola é um espaço permeado de conflitos que, efetivamente, distancia-se do ideal democrático e apresenta historicamente um papel reprodutor das relações sociais. Desta forma, novas maneiras de participação política devem ser pensadas e implantadas, levando em conta as amplitudes e especificidades das lutas democráticas atuais, greves, salários atrasados, da classe, do sexo, do ambiente de trabalho.

Para compreendermos essas relações sociais, definimos a instituição social como um conjunto de normas, crenças e valores estabelecidos socialmente que têm por finalidade orientar e satisfazer as necessidades humanas que, por sua vez, agem como instrumento efetivo de controle, regulação, proteção e orientação de nossas atividades, como exemplo na família, escola, Estado, entre outros presentes em muitas sociedades.

Partindo disso, todos esses fatores nos remetem a questão do poder no interior dessas instituições citadas anteriormente, ou seja, o poder está presente em todas as instituições sociais e faz parte do nosso cotidiano. Mesmo que não se consiga percebê-lo como tal, as relações de poder se encontram na base de nossas experiências institucionais. Tem-se a família como primeiro grupo social do qual se pertence que cumpre com o papel social na função de regulamentação das relações de parentesco, da procriação, das relações sexuais, da manutenção e da socialização dos seus membros que, por sua vez, demonstra uma mudança do modelo tradicional de família para os arranjos atuais e que gerou alguns desafios que acabarão exigindo uma nova resposta da sociedade, como exemplo o caso das famílias nucleares marcadas por um forte processo de individualização.

Desse modo, chega-se ao foco da discussão, a escola, que, enquanto instituição, é percebida como um espaço de regras, normas, costumes, culturas, tensões nas relações sociais ali estabelecidas, caracterizando, assim, uma disputa de poder. A escola ao longo dos tempos viveu uma relação de poder conflituosa estabelecida por uma dada concepção religiosa, humanista, civilizatória, tecnológica, libertadora, etc.

Portanto, a violência é parte constitutiva dessa dominação do “homem” sobre o “homem”, da luta que os indivíduos e os grupos estabelecem para impor as suas vontades dentro de uma dada relação social. Assim, as relações sociais estabelecidas ao longo da vida são permeadas por concepções e práticas de poder e estas têm importância crucial na estruturação do perfil das instituições nas quais estamos inseridos.

O educador, ou cidadão, é um ser abstrato criado pelo direito, expresso na norma quando diz: “todos são iguais perante a lei”. Essa expressão pressupõe que exista uma igualdade jurídica na sociedade, o que não se confirma quando analisamos a estratificação social, ou seja, os indivíduos são desiguais perante a sociedade, consiste no conjunto das relações de poder vividas dentro do trabalho docente nas suas relações sociais.

Vive-se numa sociedade intensamente preocupante, marcada por mudanças repentinas, conflitos e divisões sociais, onde os desafios, dilemas e paradigmas são dos mais variados e complexos, principalmente quando se depara com o exercício diário de nossa prática docente. O ser humano é um projeto de vida, um projeto do ser e um projeto capaz de autorrealização.

De acordo com Freire (1994, p. 110), “O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade”. Entre algumas questões que contemplam a necessidade de refletir sobre a prática docente, de acordo com Freire, está a proposta de humanização do professor como norteador do processo socioeducativo, pois a educação é uma forma de transformação da realidade em uma perspectiva de “ética universal”. Deste modo, os educadores devem objetivar uma postura ética, crítica, de bom senso, que contribua assim para uma ação transformadora de si mesmo e para o outro. Esse olhar na esfera do profissional docente é fundamental, pois visa fomentar o desenvolvimento de práticas de autorrealização mais humanizadora.

A escola pode ser vista como um espaço significativo onde os docentes estão em constante diálogo, em constante busca pela sua identidade, do seu lugar, da sua felicidade. Desde sempre, a instituição escolar foi alvo de discussões e apontamentos que motivaram sua evolução e seu melhoramento, em todos os aspectos, principalmente no que diz respeito à condução do trabalho docente.

Contudo, pensa-se que o educador deve estender o seu olhar a si mesmo, as suas ações sobre aspectos e situações que refletem sobre a sua vida, seu bem estar, pois o estímulo de novas aptidões torna-se processo essencial na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam em nosso cotidiano, como a esfera salarial, por exemplo.

## **6 A METAMORFOSE DO TRABALHO: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O BEM ESTAR NO TRABALHO DOCENTE**

O trabalho é considerado como uma atividade humana que acompanha a própria vida e que permite ao ser humano transformar o seu meio e a si mesmo. O trabalho, como um todo na sociedade atual, guarda suas especificidades, metamorfoses, e, como parte da rotina diária do trabalhador, afeta seu modo de vida. O debate que aqui os sociólogos do trabalho fazem com respeito ao trabalho e trabalhadores são perguntas e anseios que exprimem relação à natureza da sociedade e suas transformações, pois o trabalho é percebido como âmbito privilegiado para entender a sociedade em geral. Quer dizer, além de explicar o trabalho em si, é necessário, também, compreender os fenômenos sociais mais amplos e padrões mais gerais de organização social.

Este tópico pretende, em linhas gerais, de acordo com os referidos estudiosos, compreender sobre a metamorfose do trabalho, a complexa relação entre trabalho e sociabilidade, das especificidades e limites no trabalho do professor, da relação ser humano e trabalho, do trabalhador como um artífice, estilo de vida e bem estar do professor enquanto categoria. Dentro desse dilema, pretende-se, através de uma sociologia compreensiva, de embasamento teórico, pensar esses sujeitos, as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo, esse modelo de trabalhador, do artífice e estilo de vida do professor dentro ou fora do espaço de trabalho.

### **6.1 TRABALHO E(M) METAMORFOSE**

A ideia contemporânea do trabalho precisa ser pensada como uma expressão do trabalho social, mais complexificada, heterogeneizada e ainda mais qualificada nos seus ritmos e processos. É fundamental que se busque uma melhor compreensão sobre a ideia que se tem sobre as mutações e metamorfoses que vem acontecendo no mundo contemporâneo, analisada como uma lógica oriunda do capitalismo existente.

É notório que as principais mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho possivelmente advêm das profundas transformações que o capitalismo vem sofrendo em escala mundial, tanto na estrutura produtiva, quanto no universo de seus

ideários e em princípios. Essa falta de realização do ser humano pode contribuir para a destruição da força humana numa sociedade sem importância.

Antunes (2011) nos auxilia a compreender essa inquietação, a qual combina duas qualidades raramente presentes na mesma pessoa: uma visão clara da dinâmica de reestruturação do capitalismo global e um discernimento profundo do que essas mudanças significam para os trabalhadores, pois tais qualidades se combinam para iluminar as dramáticas transformações que o trabalho atravessa no século XXI, como um enfretamento entre capital e trabalho. O autor nos leva a refletir sobre os mecanismos pelos quais o trabalho tornou-se mais fragmentado e precário e os impactos sobre a vida física e psicológica do trabalhador, formando, assim, novas classes trabalhadoras. Essa nova forma assumida requer uma compreensão maior do que são essas formas de trabalho, de trabalho versus trabalhadores.

Conforme Antunes (2011, p. 61), “Somente através de fortes ações coletivas é que serão capazes de se contrapor ao sistema de metabolismo social do capital, profundamente adverso ao trabalho, aos seus direitos e às suas conquistas”, visto que a maior parte dos trabalhadores, professores, estaria vivendo num ambiente de formalidade, resguardado por direitos das “reformas” nos últimos anos, procurando deixar o emprego formal cada vez mais parecido com a informalidade, flexibilizando direitos e, assim, deixando os trabalhadores mais vulneráveis às crises.

Para Antunes (2011, p. 76) trata-se de uma maior intelectualização do trabalho, sobretudo nos ramos dotados de grande impacto tecnológico-informacional e digital, acentuando as tendências de informalização da força de trabalho em todo o mundo, elevando os níveis de precarização da classe trabalhadora. No outro lado do pêndulo, as tendências em curso nas últimas décadas estariam sinalizando traços que seriam vistos como mais “positivos”, ou seja, a partir do processo de reestruturação do capital, num parâmetro mundial, apresenta-se um claro sentido desigual.

Desse modo, Antunes nos auxilia a pensar sobre a concretude a tais formulações, a ênfase está centrada em procurar demonstrar os “avanços” que enfim se aproximariam do trabalho informatizado, dotado de um maior traço cognitivo, e somente assim seria contrário do trabalho maquinizado e fetichizado, que por sua vez estaria incutido já ao longo do século XX de um modelo mais taylorista-fordista.

Sobre a relação entre capital e trabalho, Antunes nos lembra que, a partir dos anos setenta, através do Toyotismo, fundou-se novas formas de capital e acumulação flexível. Dentro desse modelo emergiram crises estruturais do capital que perpassa

até a contemporaneidade, trazendo vários problemas societais e mecanismos de controle na gestão. Entretanto, opondo-se a essa posição contrária, tentou-se buscar, através de um plano de recuperação, reorganizar o processo produtivo nas mais diversas esferas sociais, através de uma ideia fragmentada que faz jus ao individualismo deixando de lado as formas de solidariedade e formas de vida coletiva.

Lessa (2012) questiona os fundamentos de qual trabalho está se falando, da centralidade do trabalho e do ser social perante essas crises geradas a partir do capitalismo, frente ao neoliberalismo e as altas taxas de desemprego, de como atender as exigências dessa reestruturação sem que ocorra desempregos em massa. Além disso, tenta buscar respostas dentro desses embates surgidos a partir dos anos setenta, defendendo a centralidade analítica e explicativa do trabalho, dessa crise da sociedade e do trabalho. Conforme o autor, em uma sociedade pós industrial, o desemprego talvez poderia ser visto como algo corrente, assim como o trabalho pode ser percebido. Porém, o que determina essa lógica é a construção da identidade social, sendo ela identificada através de uma profissão.

De acordo com Lessa (2012), a partir da década de setenta, vários “intérpretes” posicionaram-se através de argumentos sobre a transfiguração na maneira em que vai se descrever os fenômenos políticos e institucionais, onde surgem as preocupações com o sentido do trabalho.

Deste momento em diante, década de oitenta e noventa, surge uma nova cultura científica, embasada no neoinstitucionalismo, determinada como uma teoria empírica com a ausência da democracia. Começa-se a dar um maior enfoque aos processos de democratização, favorecendo o acesso a uma análise das instituições para que, dessa forma, seja possível uma melhor compreensão de como atuam as instituições democráticas em diferentes espaços levando a modificações no âmbito do trabalho. Pois a questão da centralidade do trabalho precisa ser focada no processo de produção e reprodução material da vida humana em sociedade, em sua interação com os outros homens e com a natureza. Neste processo, os homens produzem a si próprios, a sociedade e as próprias formas sociais nas quais produzem.

Sendo assim, não pode haver existência social sem trabalho. A existência social, contudo, é muito mais que trabalho. O próprio trabalho é uma categoria social, ou seja, apenas pode existir como atuante através de um conjunto de relações sociais.

Tal categoria refere-se, em nossa compreensão, ao trabalhador assalariado, produtivo, fonte de valor.

Assim, o trabalho como essência do ser humano se efetua, torna-se objetivo na ação humana produtiva sobre a natureza. Acontece que, no capitalismo, esse trabalho deixa de pertencer ao trabalhador sendo apropriado pelo capitalista. Essa circunstância deixa o ser humano alienado de sua essência perdendo as noções de controle sobre o processo produtivo e sustentando a propriedade do seu trabalho objetivado, isto é, o ser humano está estranhado do outro, da essência humana. Todo esse processo de alienação do ser humano de sua essência no sistema capitalista acaba gerando uma classe oprimida, desencadeando a miséria da classe trabalhadora. O ideal, nesse contexto, já que não aconteceria uma emancipação humana universal, seria a emancipação de uma classe diferente, uma revolução parcial, que pela sua condição se emancipa e alcança o domínio universal da sociedade.

Nesse viés, fazendo um paralelo com os dias de hoje, cabe pensar o trabalho dos profissionais da educação ou do professor contratado, que trabalha home office em função da crise sanitária decorrente da pandemia de COVID-19, que corre contra o tempo, aprimora-se e se reinventa para não morrer pelo contágio do vírus, ou de fome, podendo ser substituído a qualquer momento por alguém de saber notório. Fica claro que esse reinventar-se, na era digital, exige dessa classe uma maior dedicação, é um desafio da busca pela emancipação, é um novo modo de vida, em que o trabalho precisa dar sentido dentro da vida e não ao contrário, que se está perdendo sentido dentro do trabalho. Pensando nas tecnologias e mídias digitais que estão sendo desenvolvidas com intuito de emancipação, acaba ajudando a cavar a própria cova, pois o estado cria novos recursos, desenvolve novas plataformas que ficam atrativas, eficientes e a sociedade vai se acostumando e começa a entender que o papel do professor é insignificante. O professor elabora, durante uma tarde inteira, uma videoaula, horas de trabalho, e, ao levar para o aluno e a família, muitas vezes é criticado e ofendido, uma inversão de valores. É fundamental entender a lógica de gestão do Estado frente a esses acontecimentos, pois, na visão do mesmo, o importante é fazer jus ao salário, sem se preocupar com demissão, corte de salários, paralisações das atividades, entre outros fatores que mudam a essência do trabalhador, fazendo o mesmo buscar novas formas de trabalho mais informais e diferentes formas de qualificação, de resistência, reflexos desse novo sistema capitalista que exige cada vez mais do trabalhador.



É importante destacar, conforme Antunes (2009), que isso faz vir à tona o sentido enganador da “qualificação do trabalho”, o que muito frequentemente assume a forma de uma manifestação mais ideológica do que de uma necessidade efetiva do processo de produção. Essa ideia de qualificação e a competência exigidas pelo capital muitas vezes objetivam de fato a credibilidade que as empresas pretendem obter dos trabalhadores, que devem entregar sua subjetividade à disposição do capital, ou seja, essa qualificação nunca será valorizada.

Nessa perspectiva, cabe pensar o trabalho informal, que nos remete a uma análise do capitalismo contemporâneo e nos impulsiona a compreender que as formas vigentes de valorização do valor, por sua vez, trazem novos mecanismos geradores de trabalho excedente. Isto é, tal processo tem nítida funcionalidade para o capital ao permitir a intensificação, em larga escala, desencadeando um doloroso acúmulo de trabalhadores descartáveis e desempregados. Essa ideia serve de exemplo para profissionais trabalhadores temporários citados acima, visto que essa divisão social do trabalho capitalista, com um grande número de trabalhadores informais, acaba elevando a circulação e o consumo das mercadorias produzidas pelas empresas capitalistas. O meio de inserção no trabalho informal é muito precário e se caracteriza por uma renda mínima, além de não garantir o acesso aos direitos sociais e trabalhistas básicos, como, por exemplo a aposentadoria, auxílio doença, licença maternidade entre outros. Na instituição escolar, a atuação na docência incide em lidar com as problemáticas impostas por um sistema capitalista que transformou toda a estrutura social, cujos impactos são gritantes.

Cabe lembrar que, a partir da crise contemporânea e as metamorfoses do mundo do trabalho, as principais mudanças que estão ocorrendo nesse mundo são consequências das profundas mudanças que o capitalismo vem sofrendo em escala mundial, tanto na estrutura produtiva, quanto no universo de seus ideários, seus valores.

O capitalismo contemporâneo configurou algumas tendências, modelos, tornando uma crise estrutural que, por sua vez, destrói a força humana que trabalha, destruindo os direitos sociais, como debatido anteriormente. Na esfera empresarial, eclode expressões como a desregulamentação, flexibilização, terceirização, expressões lógicas societal, onde o capital vale e a força humana é descartável, sem esquecer da alienação do trabalhador de quem o capital rouba até suas mínimas possibilidades do saber e fazer.

Pensando nessas ideias, Ricardo Antunes (2011) destaca novas formas do trabalho, a conversão do trabalho vivo em trabalho morto, levando em conta tecnologias, softwares. Enfatiza o trabalho material e imaterial, ou seja, a primeira forma, a produção material, precisa constantemente de inovações sendo cada vez mais subordinada a uma produção que se converte em mercadorias e capital. Já a segunda, o trabalho imaterial, exprime a vigência da questão informacional da forma, a mercadoria, ou seja, é a expressão do conteúdo informacional da mercadoria, exprimindo as mutações do trabalho operário no interior das grandes empresas e do setor de serviços, onde o trabalho manual direto está sendo substituído pelo trabalho dotado de maior dimensão intelectual. Tanto um quanto o outro estão ligados à questão da produção de mercadorias e de capital que se “metamorfoseia” e assume a forma de valor do trabalho intelectual abstrato.

Partindo dessas determinações ontológicas fundamentais, o trabalho visto como uma atividade que ao longo da história teve significações paradoxais, podem ser sintetizadas de duas formas, ou seja, de um lado visto como um mal necessário que apenas garante a sobrevivência, como atividade geradora de sofrimentos, e de outro lado como atividade satisfatória e prazerosa, que possibilita o bem estar de quem a realiza.

Esses paradoxos partem de um mesmo princípio básico e não podem ser considerados aleatórios, uma vez que a atividade laboral pode oferecer bem estar por assegurar a satisfação e, ao mesmo tempo, tornar difícil esse estado por propiciar frustrações e conflitos. Esse equívoco se deve, principalmente, ao fato de a realização do trabalho depender de determinadas condições concretas que podem ou não corresponder às expectativas de quem as efetiva.

O bem estar no trabalho, a felicidade, a satisfação, encontram-se entre os debates que são pouco analisados por aqueles que se dedicam a pesquisar sobre a vida e trabalho dos professores. Assim, é possível pensar que, na perspectiva subjetiva da felicidade relacionada ao trabalho docente, ela é concretizada no modo que o mesmo se encontra realizado em suas atribuições e condições mais objetivas do seu trabalho diário. Porém, a atividade laboral do educador depende de um conjunto de especificidades, multiplicidades em cumprir metas, tarefas, exigências e acaba se distanciando muitas vezes de fatores como liberdade de expressão, ideias compartilhadas em grupo, reconhecimento profissional, direitos socioeconômicos, estabilidade, tempo de lazer, e outros tantos fatores, pois a dimensão subjetiva da

felicidade é essencial ao bem estar e realização no trabalho, sendo elas instrumentos positivos de habilidades, valores, crenças, aquilo que cada um carrega para sua vida.

Bauman (2010) nos auxilia a pensar e expor essa face desumana numa sociedade estratificada, em que as relações são líquidas, fluem e se desfazem facilmente. Isto é, numa intensa busca do seu bem-estar e uma supervalorização do eu, o indivíduo torna-se frágil e vulnerável à medida que se fecha para o outro e imerge dentro de si. Esse individualismo, estimulado pelo consumismo, foi esvaziando o sujeito a tal ponto que sua força para lutar pelos ideais comunitários foi enfraquecendo. Deste modo, os professores configuram uma das categorias de trabalhadores cujos modos de trabalhar condizem com a noção de trabalho imaterial, pois, com seu modo de vida, com base em uma sociedade capitalista, o trabalhador busca o seu tempo conforme as suas necessidades.

Para pensar a questão da identidade dos educadores, as ideias de Sennet (2011) nos auxilia a pensar um pouco sobre o estilo de vida dos professores, modo de vida, do que é ser professor num viés de consumo e lazer, e remete-nos a pensar para além da vida cotidiana, ao artífice e tensões no espaço de trabalho, no entender o artesão como um modelo de felicidade, como sujeito político e de bem estar. Pois, o autor vincula essa ideia ao de um trabalhador parcial, flexibilizado, que exerce cada dia uma função e não tem tempo para se especializar em algo para exercer suas habilidades, isto é, um trabalhador superficial, e que somente a partir do fazer profissional dele é que se tornaria uma pessoa completa aonde o mesmo se realiza, se reconhece e se torna de certa forma feliz. Num certo sentido, para o autor, é preciso estar em conformidade e satisfação com seu fazer laboral, com seu fazer no trabalho e é nesse sentido que o artífice pode ser um modelo de felicidade, visto que Sennet aposta num envolvimento mais materialista do sujeito com o seu trabalho, pensando a figura do artífice do modo que condensa um diálogo entre práticas concretas e ideias sobre o fundo de hábitos prolongados.

Sennet (2010) enfatiza que a relação ser humano versus trabalho, coloca sendo algo essencial para trazer o sentimento de realização no trabalho, essencial para a saúde mental do trabalhador. De acordo com o autor, o “artífice” é aquele que se preocupa com o trabalho bem feito, “pelo prazer da coisa bem feita”, e aposta num envolvimento mais materialista do sujeito com o seu trabalho, pois a figura do artífice condensa um diálogo entre práticas concretas e ideias, sobre o fundo de “hábitos prolongados” que, por sua vez, trazem mudanças nas formas de capitalismo,

impactando nos valores pessoais e sobre os modos de viver dentro e fora das organizações, ou seja, esse artífice tenta compreender essa gama que envolve essa relação de mão dupla, a de ideia e matéria.

Tal reflexão perpassa pela necessidade da criação de ambientes de trabalho mais saudáveis, que favoreçam esta ligação afetiva e positiva com o trabalho. Cabe ressaltar aqui a questão do reconhecimento, do trabalho invisível, de correr riscos para ser bem sucedido, que o autor coloca como uma questão de caráter e de como o comportamento flexível vai enfraquecendo esse caráter. A pessoa passa de um emprego para outro, perdendo a sua identidade, sua carreira, que é constituída nessa sociedade fragmentada, ou seja, antes o trabalhador ia se construindo dentro dessa estrutura e logo se configuraria como redes que redefinem constantemente.

Sennet (2011) coloca a expressão "capitalismo flexível" para descrever um sistema variável na carreira que, conforme o autor, fica oprimida pelo sistema capitalista, sendo que, através da flexibilidade que ferem as formas duras de burocracia, e também os males da rotina invisível, fazendo com que o trabalhador se torne mais ágil, assuma qualquer risco e não se curve a qualquer forma da lei. Essa soberba na flexibilidade está alterando o próprio significado do trabalho e também as palavras que empregamos para o mesmo, criando novas formas de controle. Outro aspecto importante da flexibilidade é a forma como atua sobre o caráter do trabalhador, colocados aqui como desejos e sentimentos que podem corromper com a rotina burocrática do trabalho, do governo e instituições, trazendo riscos e incertezas.

Entretanto, nesse sistema capitalista de flexibilidade, o comportamento humano, conforme Sennet (2011), precisa ter força e um bom desempenho, e mais, precisa se adaptar a qualquer circunstância para não ser destruído por essa força.

Cabe ressaltar que essa busca pela eficiência por si só, os sentimentos, a espiritualidade e os valores morais diminuíram em importância construindo uma irracionalidade, uma lógica reprodutiva sem sentido, ou seja, uma jaula de ferro, como tanto Weber nos coloca sua visão. Weber (2006) coloca a racionalidade como determinante no desencantamento do mundo e observa como a transformação social aperfeiçoou a transformação do próprio caráter da ação social dos indivíduos onde as ações passam a ser racionalizadas de acordo com as normas religiosas, ou seja, a ação racional desconhece o seu fim até então e assume a acumulação pura e simples como o próprio fim.

Weber (2004) observou que na sociedade industrial moderna a vida de todos é moldada pelo permanente conflito entre eficiência impessoal, organizacional e as necessidades e desejos dos indivíduos tem sido contido pela jaula de ferro da racionalização. Para o entendimento do novo mundo do trabalho, buscou demonstrar como a ética do capitalismo "flexível" afeta negativamente o ser humano, corroendo as relações e o caráter, gerando certas tensões, ou seja, caracteriza as mudanças ocorridas entre as formas anteriores de capitalismo e a forma atual, global e flexível, e seu impacto sobre os valores pessoais e sobre os modos de viver dentro e fora das organizações, bem como o espaço de trabalho do docente.

O produzir da atividade humana como trabalho (alienado) é um resultado histórico, devido à divisão originária do trabalho. A divisão do trabalho, que acarreta imediatamente a desumanização do ser humano, é um processo histórico, também seu desenvolvimento contraditório ao criar uma totalidade de forças produtivas, um domínio total do sujeito sobre a natureza. Torna-se necessária e inevitável por parte do mesmo a apropriação dessas forças, na qual há também o desenvolvimento de uma totalidade de faculdades.

Seria necessário mudar as condições sociais para criar um novo sistema de ensino que fosse capaz de transformá-las. Entretanto, a transformação educacional deveria ocorrer juntamente com a revolução social.

Na sociedade atual, é possível pensar ainda, sob a ótica de Souza (2012), nessa nova classe trabalhadora. O autor sustenta a teoria de classes sociais no âmbito brasileiro, como uma reprodução dos privilégios e de classes e também das desigualdades sociais. Essa nova classe de batalhadores, que seriam aqueles indivíduos que carregam consigo as disposições construídas em diferentes modos de vida, ou seja, trata-se dos contextos de socialização e de atuação significativos na trajetória de vida dos indivíduos de determinada classe, como, por exemplo, pequenos empreendedores ou assalariados e professores que complementam a sua renda com outro trabalho, ou a ralé.

Vale lembrar aqui que Bourdieu (2007) nos coloca sobre o ethos, do que é ser professor, sobre a realização de uma pesquisa de campo, dessa relação social que pode impactar nos resultados, a reflexibilidade, do lugar que cada um encontra dentro da instituição, como sistema de classificação, pois o autor se esforça de manter um conceito de "classe trabalhadora" por meio dos "batalhadores" em função dessa

fragmentação da composição social, das análises a partir da renda e de políticas públicas.

Na sociedade atual, é evidente a presença desses batalhadores que seriam os trabalhadores pobres excluídos da sociedade fordista, formado por trabalhos flexíveis, de estratégias de vida, pela necessidade de adaptar-se rapidamente às condições de trabalho. Então, para Souza, as análises aqui pensadas vão muito além do parâmetro de renda, visam compreender os processos que constituem as 'classes sociais' como eixo fundante, a economia política, privilegiando as dinâmicas entre as relações. Isto é, traz as classes sociais como questões ideológicas, éticas, morais, educacionais, compreendidas entre as dimensões cultural e material.

Entretanto, determinações históricas precisam ser elucidadas, almeja-se saber qual o propósito do papel político dos trabalhadores, de onde viemos e para onde vamos, para além do trabalho abstrato, de produtivo ou improdutivo, trata-se de relações entre a centralidade ontológica do trabalho, a centralidade cotidiana do emprego e a centralidade política da classe trabalhadora e as mediações sociais enquanto categoria. Se pretende-se seguir em frente no discurso sobre a complicada aliança entre trabalho e sociabilidade, parece-nos obrigatório diferenciar de qual trabalho, de que centralidade estamos tratando. Por vezes, desperta confusão entre os planos ontológico, político e da vida cotidiana, muitas vezes com um discurso raso que não atende às exigências de precisão e clareza imprescindível a sociologia do trabalho nas suas mais variadas vertentes.

Esse estudo nos remete a perceber a complexa trajetória das transformações no mundo do trabalho dentro da sociedade. O entendimento sobre trabalho e trabalhadores, que por sua vez elucida realidades para além dos processos de produção, trata-se de uma constante produção e reprodução da própria sociedade, uma dinâmica das relações sociais no âmbito do lugar político do trabalho dentro da sociedade moderna.

Para Castel (1998, p. 28), “a metamorfose não é, pois, uma metáfora empregada para sugerir que a perenidade da substância permanece sob a mudança de seus atributos, ao contrário: uma metamorfose faz as certezas tremerem e recompõe toda a paisagem social”. Conforme o autor, a metamorfose se caracteriza pelas transformações históricas desse modelo padronizado e cristalizado ao longo dos tempos e assume formas completamente distintas dentro do contexto atual.

Entretanto, ainda que fundamentais, as inúmeras transformações não reproduzem novidades plenas quando se está incluído em uma mesma linha de problematização, pois nem toda a sociedade está no mesmo estágio de desenvolvimento cultural, político e econômico.

Esse discurso, em diferentes pontos de vista, colocados pelos autores, sem dúvida impacta no modo de pensar o trabalho, pois fica evidente usam de uma lógica social e que não fazem a divisão ontológica e histórica, eles se equivocam num fim da sociedade do trabalho e evidenciam uma precariedade do mesmo e não o fim, ou seja, como uma produção supérflua onde o ideal seria investir mais em tecnologia e menos trabalho. Ou seja, como trabalho morto intelectual passado para tecnologia, um trabalho objetivado, softwares, a redução do trabalho como uma tendência. Ou seja, não é o trabalho abstrato e trabalho como categoria fundante, mas, sim, pensar numa diversificação do trabalho, da fragmentação do trabalho, que é um trabalhador que precisa ter mais de um emprego, segmentou-se e ficou mais heterogêneo fazendo com que o trabalho ficasse mais presente na vida das pessoas.

Entretanto, a determinação do papel político dos trabalhadores requer uma maior atenção de mediações sociais, das atividades de trabalho na vida cotidiana de uma dada sociedade, a maneira pela qual é destinada a força de trabalho nos diferentes momentos do seu processo reprodutivo. Sem dúvida, é fundamental pensar para além da categoria do trabalho enquanto trabalho como um fator histórico da relação de uma classe social determinada com a totalidade social baseada em sua essência em busca de um bem estar.

## 7 APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Considerando-se que, em linhas gerais, o objetivo principal desse trabalho é analisar as concepções de felicidade entre os docentes da rede de ensino de Agudo, especificamente da Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos, faz-se fundamental contextualizar o universo da nossa pesquisa em busca de possíveis indícios que nos levem a refletir sobre as influências que agem sobre/nos professores da referida escola e as conseqüentes relações entre felicidade e trabalho docente.

A Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos – E.E.E.B. Professor Willy Roos - foi fundada no ano de 1962 como Ginásio Estadual. No ano de 1978, passou a chamar-se Escola Estadual Duque de Caxias funcionando no mesmo prédio da Escola Estadual de 2º Grau de Agudo. Em 1982, esta escola recebeu o nome de Professor Willy Roos, unificando-se com a Escola Estadual Duque de Caxias. A partir deste ano, o município passou a contar com a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Willy Roos até o ano de 2000, quando sua denominação fora alterada para Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos.

A escola possui uma estrutura ampla, composta por salas de aula, sala de recursos, sala multimídia, refeitório, ginásio, biblioteca, laboratório de informática e outros espaços de uso comum. Até o final do ano letivo de 2020, atendia 524 alunos distribuídos entre Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos, com as turmas divididas entre os três turnos. Os profissionais do quadro de professores atuam de acordo com a sua área de formação, embora, em alguns casos, responsabilizem-se por disciplinas de outras áreas do conhecimento. Diversos professores possuem formação a nível de pós-graduação (especialização, mestrado), participam de cursos de qualificação ao longo do ano letivo e alguns dedicam sua carga horária inteiramente à E. E. E. B. Professor Willy Roos, com quase toda sua vida profissional construída na Escola.

### 7.1 MUNICÍPIO DE AGUDO/RS

Primeiramente, um breve histórico sobre o referido município, no qual se localiza a escola e por sua vez os docentes que fazem parte desta pesquisa.

O município de Agudo, emancipado no ano de 1961, possui uma acentuada presença de elementos culturais alemães, fruto da colonização predominantemente



germânica. Os primeiros imigrantes alemães, provenientes da Pomerânia, chegaram à região em 1º de novembro de 1857, desembarcando em Cerro Chato, na margem esquerda do Rio Jacuí. Agudo é o berço da Colônia Santo Ângelo, instalada pelo Governo Provincial (Presidente Ângelo Muniz Ferraz), entre os anos de 1857 e 1885.

O Município de Agudo está localizado na Depressão Central gaúcha, distante 240 km da capital e com 83 metros de altitude em relação ao nível do mar. A área territorial é de 536, 114 km<sup>2</sup>, com população estimada pelo IBGE, em 2019, de 16.461 habitantes. O nome Agudo deriva do Morro pontiaguda, que desponta na várzea do Rio Jacuí e encontra-se de frente a principal avenida da cidade, a Avenida Concórdia, e possui 429 metros de altura. Em 1847, o Presidente da Província do Rio Grande do Sul solicitou, à Câmara Municipal de Vila Cachoeira, informações sobre o lugar mais apropriado para o desenvolvimento de uma colônia de alemães. Seis meses após, a comissão criada para estudar o assunto indicou o lugar, conhecido como Cerro Agudo, na margem esquerda do Rio Jacuí. A fundação da chamada Colônia de Santo Ângelo se concretizou, dez anos depois, com a chegada de Floriano Zurowski, diretor nomeado, juntamente com a primeira leva de imigrantes. A colônia transformou-se em importante Distrito de Cachoeira do Sul, passando à denominação de Agudo, morro em cujo sopé se desenvolveu a Vila, atual Cidade de Agudo. Em 1957, iniciou-se o movimento para a emancipação de Agudo e dois anos depois foi criado o Município.

O município de Agudo possui uma paisagem com vegetação composta por campo, matas e florestas. Sua economia está centrada na agropecuária. A agricultura está embasada principalmente no cultivo do arroz, do fumo e do morango; e na pecuária tem-se grande criação de bovinos, ovinos e suínos. Destacam-se também várias indústrias, dentre as quais são calçados, cereais e madeiras. O município também possui forte segmento comercial, tendo grande influência sobre a região.

Na área da educação, o município já contou com mais de quarenta Escolas em sua rede de ensino, distribuídas entre a sede e as diversas localidades do interior, além das Escolas estaduais. Atualmente, o município possui dez escolas municipais, sendo duas específicas para Educação Infantil, e duas escolas estaduais.

Entretanto, a Escola aqui analisada, situa-se na região central da sede do município de Agudo, próxima a referências turísticas e históricas como o Instituto Cultural Brasileiro-Alemão de Agudo.

Fazendo um paralelo com o tema felicidade, o município de Agudo, se enquadra em uma pesquisa sobre alto índice de suicídio, doenças mentais e

depressão decorrentes do uso de agrotóxicos e similares usados nas plantações de tabaco dessa região. Conforme tal pesquisa desenvolvida em 2017, por pesquisadores da UNISC da e da UFRJ, esses novos indícios que reforçam a tese de que o uso desses insumos na plantação de fumo, afetam a saúde mental dos agricultores. Os dados desta pesquisa mostram que estado do Rio Grande do Sul seria o estado com o maior índice de suicídios do país. Nesse sentido, em 1996, o assunto ganhou as páginas da imprensa brasileira e internacional quando uma epidemia de suicídios atingiu a cidade de Venâncio Aires, localizada a 102 km de Agudo, estatística esta, que contrasta com essa pesquisa, quando trazemos os dados sobre felicidade. Uma das principais hipóteses é que o uso de agrotóxicos, que é bastante alto em plantações de tabaco, contribui para casos de depressão entre agricultores.

## 8 PROFESSOR: DOCÊNCIA, IDENTIDADE E OFÍCIO

Para pensar sobre docência, identidade e ofício do professor, é necessário compreender, primeiramente, a etimologia da palavra professor, que, conforme consta em alguns dicionários, teve a sua origem do latim “professus”, que significa “aquele que declarou em público”, nasceu do verbo “profitare”, professar em português, ou seja, afirmar perante todos. Nesse viés, Pereira (2013) nos auxilia a pensar, a partir de seus estudos problematizadores sobre os professores, em diferentes perspectivas culturais, de como é ser professor, porque se é professor ou como se escolhe ser professor, que estaria intimamente ligado a forma como capta o aprendizado ou reage a funções que separam o modo de pensar do modo de agir, ou seja, afasta a sua reflexão da experiência prática.

Tão logo, o professor desenvolve um papel importante dentro da sociedade, pois é uma profissão responsável por múltiplas habilidades e competências no âmbito educacional. Embora não seja uma tarefa fácil, ela envolve diversos desafios, entre elas, de ser dedicado, de sentir-se bem, motivado e realizado no trabalho dentro de sua responsabilidade profissional, que pode ser muitas vezes conflitante. Por isso, é essencial que o professor estime os alunos e a sua profissão, que esteja aberto a mudanças, qualifique-se, tenha compromisso, amor e responsabilidade em seu ofício, seja um protagonista, pois o bem estar e o prazer no trabalho, na profissão podem auxiliar na busca de aprimoramento profissional e até mesmo de formação e profissionalização.

Refletir sobre o papel docente e sobre a sua identidade<sup>1</sup> é visto aqui como um autoconceito particularizado desse profissional, como uma condição humana, que se faz emergente, discernir sobre a individualização do professor, da profissionalização e superando as eventuais crises de identidade. Neste sentido, é fundamental que o professor se veja como parte do contexto educacional ou melhor, como o próprio contexto, virtuosamente.

Deste modo, é preciso repensar sobre esses papéis, compreender essas identidades com um posicionamento de que os professores talvez sejam os únicos profissionais que possuem a capacidade de transformação na maneira de ver os fatos, com mais leveza, mais felicidade e menos competitividade.

---

<sup>1</sup> Identidade como uma condição humana, visto aqui como um autoconceito particularizado do ser professor de pertencimento, sobre a individualização e profissionalização desse profissional.

Em consonância com Freire (1996):

Eu me sentiria mais do que triste, desolado e sem achar sentido para a minha presença no mundo, se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação. Domínio que dificilmente se poderia falar de opções, de decisões, de liberdade, de ética (FREIRE, 1996, p. 75).

A especificidade do trabalho docente exige um olhar que compreenda todos os sentidos que envolvem o trabalho docente, como as condições subjetivas, do que é individual, particular, próprias do trabalho humano, consciente do professor e as condições mais objetivas que pressupõem a prática efetiva do trabalho docente, como elaborar um plano de aula ou um projeto pedagógico.

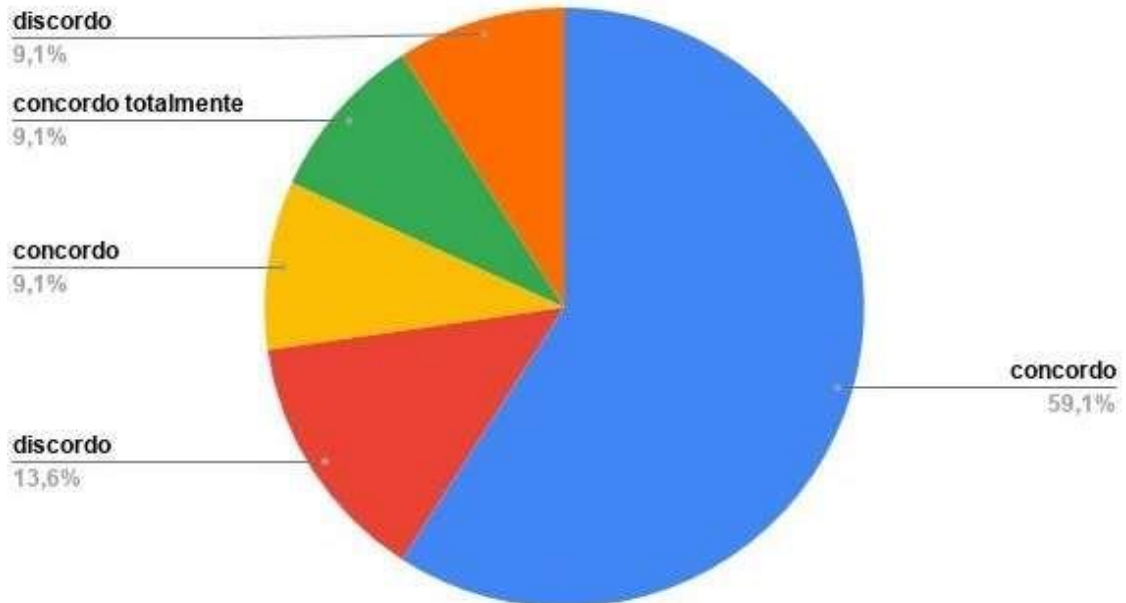
Sabe-se que as transformações no mundo do trabalho são inúmeras, mas as especificidades no trabalho objetivado do docente não sofrem uma mudança direta por ser um trabalho na área de ensino, na qual o processo de racionalização não tem como foco a criação de um valor como nas formas capitalistas. O professor, por sua vez, consegue realizar o seu trabalho de forma autônoma, a sua configuração legítima permite que assim seja, tanto na sua metodologia, na forma de trabalho na sala de aula, conteúdos e tudo mais que envolva a particularidade do trabalho do professor.

Na prática pedagógica, todas condições subjetivas mais autônomas são essenciais para evidenciar qual o papel e o sentido do trabalho docente, de compreender o significado da atividade diária, desde a sua formação até a prática. Esse talvez seja a maior dificuldade de analisar o significado da prática docente, qual o real sentido.

O trabalho docente como uma atividade trabalhista necessita de domínios e competências conectadas a condição humana, na interação e capacidade de distinguir a práxis, ou seja, vai muito além de uma simples ação entre dimensão material e intelectual. A ação docente se remete na compreensão complexa de superar perspectivas que entendem o ser professor com um dom ou ofício. É possível pensar, nesse sentido, que o professor não nasce professor, ele se torna um professor devido a sua capacidade humana de aprender. Esse se tornar professor resulta na determinação, na motivação própria, no empenho, no sentimento positivo de pertença e resiliência. Conforme o gráfico abaixo, é possível observar que existe uma grande

porcentagem dos envolvidos nesta pesquisa que são realizados em sua atuação profissional.

Gráfico 1 – A minha atuação profissional tem me realizado pessoalmente:



Fonte: Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

O trabalho docente diário carrega também lutas, frustrações, dificuldades, diferentes visões e experiências sobre o cotidiano do trabalho. O que constitui o ser professor pode ter várias conjecturas e podemos reforçar o que foi defendido em outro capítulo deste estudo, no qual se busca entender a satisfação do trabalho docente, da profissão e da felicidade fundamentados aqui nesse texto.

A hipótese desse trabalho vem ao encontro da ideia de identidade e da condição humana, no qual profissões vinculadas ao serviço e ao cuidado humano estão fortemente baseadas em interações humanas, incluindo os professores. As referidas atividades desses profissionais podem ser impactadas por um conflito de sentimentos relacionados a formação, identidade e ofício do docente.

Neste sentido, Tardiff (2005) nos auxilia a pensar sobre a centralidade da educação na sociedade moderna sobre as profissões, como interação humana do trabalho docente, como uma atividade profissional baseada e influenciada sobre seus conhecimentos, sua experiência profissional, sua identidade, e, neste sentido, vemos o professor como sujeito de sua própria vida além do processo educativo.

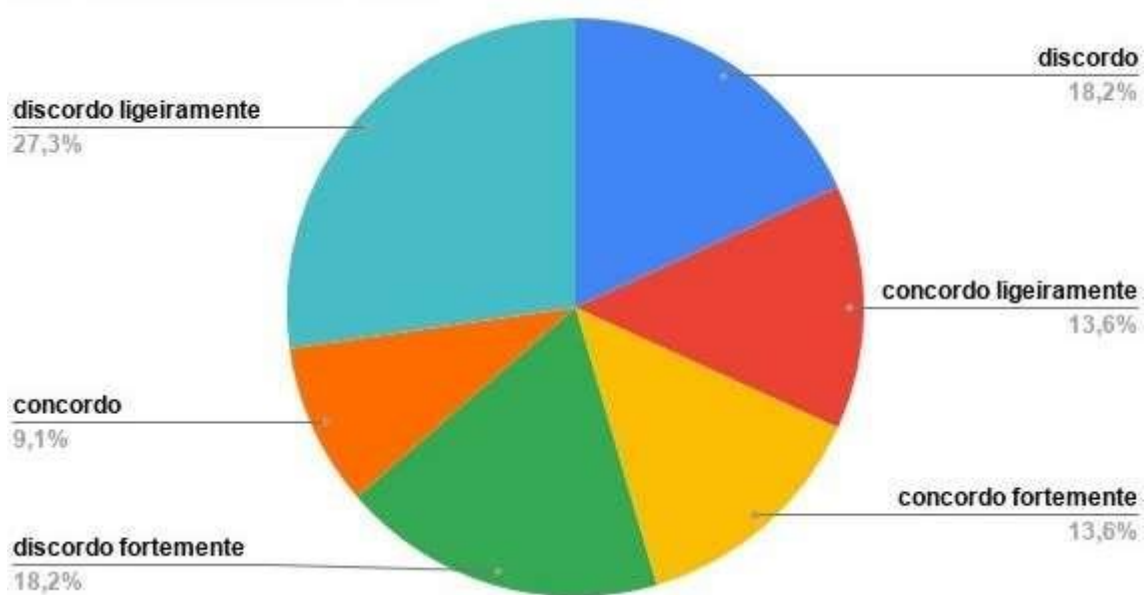
Na perspectiva de Tardif (2005, p. 49), “os saberes experienciais são construídos no cotidiano da prática profissional, constituindo-se em uma ‘cultura docente em ação’”, ou seja, são constituídos ao longo da trajetória profissional numa perspectiva integral.

Ao longo dos tempos, a partir do século XVIII, mais precisamente, com o notório crescimento do capitalismo, a população aliou a busca da felicidade como sinônimo de riqueza. O fluxo de trabalho tornou-se parte indispensável da vida das pessoas e a busca por bens de consumo, por sua vez, aumentou consideravelmente. Nesse cenário, sentir-se engajado no trabalho também é um fator para a promoção de felicidade.

Nos estudos realizados sobre trabalho na constituição da felicidade, diversos pesquisadores em nível nacional e mundial vêm considerando a ligação entre variáveis externas como salários, chefia e fatores pessoais como a identidade na constituição de uma dimensão social da felicidade. Essas variáveis dentro do trabalho docente, em determinados contextos sociais, podem considerar ainda a aposentadoria do docente como um fator influente no processo de fragilidades, pois o trabalho ativo é uma fonte de vida, traz sentido e bem estar para rotina diária, sem ele o sujeito se sente infeliz, solitário e com medo.

Essa aflição existencial na vida profissional do professor muitas vezes exige um pouco de esforço para dar conta da realidade e demandas diárias, que vai além do retorno salarial para uma realização profissional. De acordo com o Gráfico 2, o resultado deixa claro que a maioria dos participantes não depende totalmente do retorno financeiro:

Gráfico 2 – A minha realização profissional depende totalmente do retorno financeiro referente ao trabalho realizado



Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

Para os docentes, o significado de seu trabalho é constituído de forma consciente pelo ato de ensinar, de dar aula, porém com características específicas, como a escolha da profissão, da disciplina que leciona, que toleram discernir esta ação humana de outras formas de trabalho. É preciso ter um engajamento por parte desse educador, para que possa construir a sua professoralidade<sup>2</sup>, a partir de um processo de formação que precisa ser contínuo, organizado, dentro do espaço institucional para que a professoralidade ocorra e seja construída.

O docente precisa alcançar a sua autonomia dentro de sua prática, superar a lacuna que existe entre teoria e prática. Cabe a ele elevar a realização do potencial humano em seu exercício diário, ou seja, compreender a sua essência implica em conduzir os processos de aprendizagens no sentido de levar à realização do potencial humano individual, tornando-se um ser útil à sociedade.

Assim, estas discussões levam a compreender o papel do professor como profissional que propicia ao aluno a compreensão do papel que ele desempenha quando constrói o conhecimento, da sua importância como ator social na reconstrução desses conhecimentos.

<sup>2</sup> Professoralidade como um caráter profissional específico do professor.

De acordo com Freire (2009) “O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade” (2009, p. 110). Dessa forma, os docentes passam a ser capazes de olhar para além da superficialidade de como a realidade se mostra, de voltar o olhar para si e sua capacidade humana e de sua evolução profissional. Esse olhar na formação do profissional se refere a essas mudanças, visa fomentar o desenvolvimento de práticas educativas efetivas com foco na formação humana integral.

Entre algumas questões que contemplam a necessidade de refletir sobre a prática docente, de acordo Freire, está a proposta de humanização do professor como norteador do processo socioeducativo, pois a educação é uma forma de transformação da realidade em uma perspectiva de “ética universal”. Conforme Freire, “a prática docente especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética” (FREIRE, 1996, p. 65).

Deste modo, os educadores devem objetivar uma postura ética, crítica, de bom senso, que contribua assim para uma ação transformadora e para a construção de um espaço de diversidade. Ainda, além de muitos desafios, o profissional que deseja ingressar na atividade educacional é responsável por parte da formação de inúmeras pessoas, sujeitos. Para tanto o educador precisa ter uma formação adequada que possibilite ao aluno realizar sua função satisfatoriamente e obter resultados positivos, de qualidade, pois essa tarefa não é fácil e exige responsabilidades e cautela. Conforme Vasconcellos (2001), “todo o trabalho em sala de aula que fazemos com o conhecimento, tanto em termos de forma quanto de conteúdo, deve estar vinculado a esta finalidade maior da escola que é compromisso com a humanização” (2001, p. 40).

Neste sentido, Costa (2005) nos auxilia a pensar que o professor é de certa forma um tradutor da realidade que precisa ter a habilidade de ajudar os alunos a desenvolverem competências voltadas para o conhecimento do mundo e o autoconhecimento e não de dominar os conceitos de modo isolado.

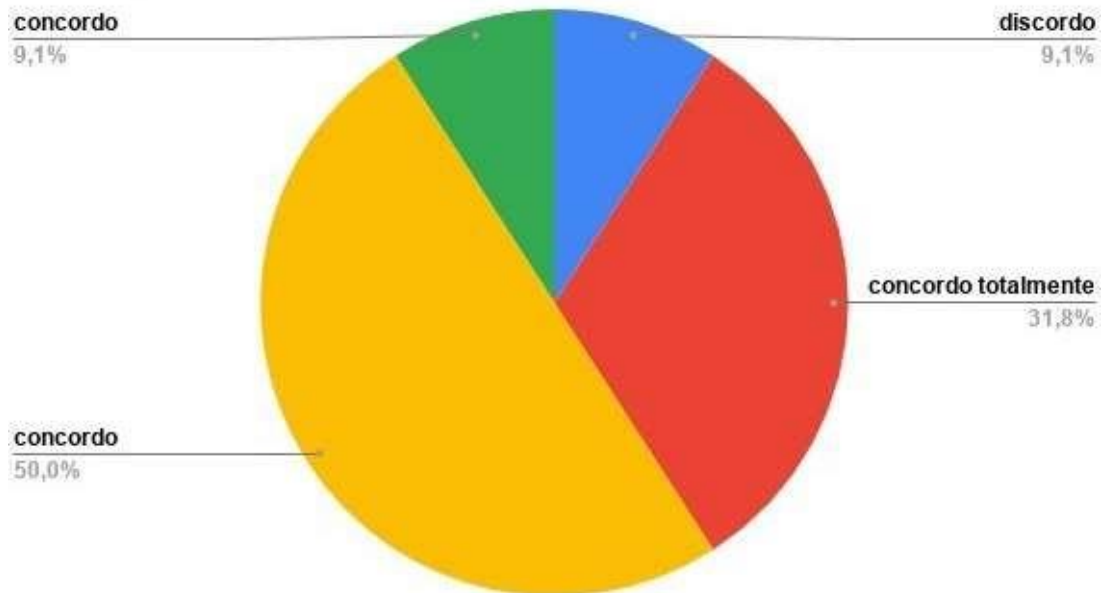
O professor que domina esses aspectos seguramente terá mais condições de fazer um trabalho pedagógico diferenciado. Isso porque o educador na sua atividade docente trabalha com a formação de seres humanos e, por causa disto, proporciona aos sujeitos e a si mesmo condições de ter equilíbrio entre o conhecimento e o que se vive dentro e fora da escola, ou seja, observar as impressões destes em relação



ao exercício da prática docente no contexto escolar. Existem muitas possibilidades práticas para o trabalho docente dentro do espaço escolar. A criatividade e paixão por seu ofício é que permitirá que o mesmo desenvolva técnicas, meios e recursos úteis e pertinentes para o alcance de seus objetivos pedagógicos.

Esse processo de conhecimento que parte do professor e a relação que este estabelece entre a disciplina e sua própria experiência social tem impactos nas representações discentes. Conforme o gráfico, a maioria dos participantes dos se identificam na profissão dos sonhos, veja na imagem baixo:

Gráfico 3 – Estou na profissão dos meus sonhos:



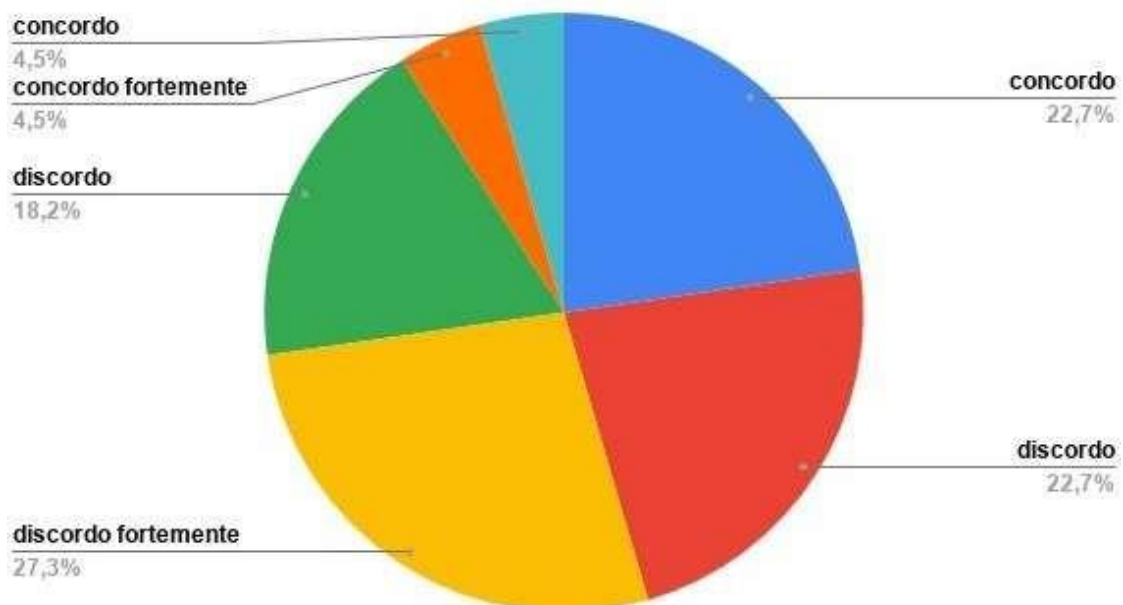
Fonte: Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

A formação do professor no seu dia a dia como ser histórico e socialmente contextualizado pode contribuir na definição de uma nova estrutura pedagógica e na intervenção da realidade no que se refere à sua prática e à sua formação. A formação e a busca pelo aperfeiçoamento da prática educativa é o propósito básico de todo educador, como uma relação intrínseca, para que os alunos consigam o maior grau de competências conforme suas possibilidades reais. Para melhorar a qualidade do ensino é preciso que os profissionais sejam capacitados, agentes de sua própria formação, e, por sua vez, adequadamente preparados para o processo de aprendizagem dos envolvidos.

No espaço institucional, na escola, tendo em vista elementos conformadores de identidades, sempre complexas, plenas de tensões e contradições no percurso docente, que apontam os lugares ocupados pelos sujeitos de suas narrativas, é possível ver histórias de vida, fios que tecem as tramas sociais da vida de cada um. Nessa gama de incertezas, estão inseridos sujeitos que direcionam a sua própria história, tocam o seu próprio barco da vida e são referências que demarcam visões de mundo de quem passa o conhecimento e de quem recebe. Ou seja, é possível relacionar essa noção de identidade com a de pertencimento, do ser. O docente em seu ambiente de trabalho institucional precisa ser um sujeito que reconhece o seu pertencimento àquele espaço de relações identitárias e sociais, pois está sempre em conexão, projetando novos significados, ressignificando as suas próprias histórias de vida e para além de salas de aula.

Observa-se que mesmo com todas as interfaces dessa busca pela felicidade e autorrealização dentro e fora do contexto escolar, ainda, conforme os pesquisados, uma pequena parcela prefere antes de tudo estar no ambiente escolar e não em casa. Veja o resultado no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Eu prefiro estar no ambiente de trabalho ao invés de estar em casa



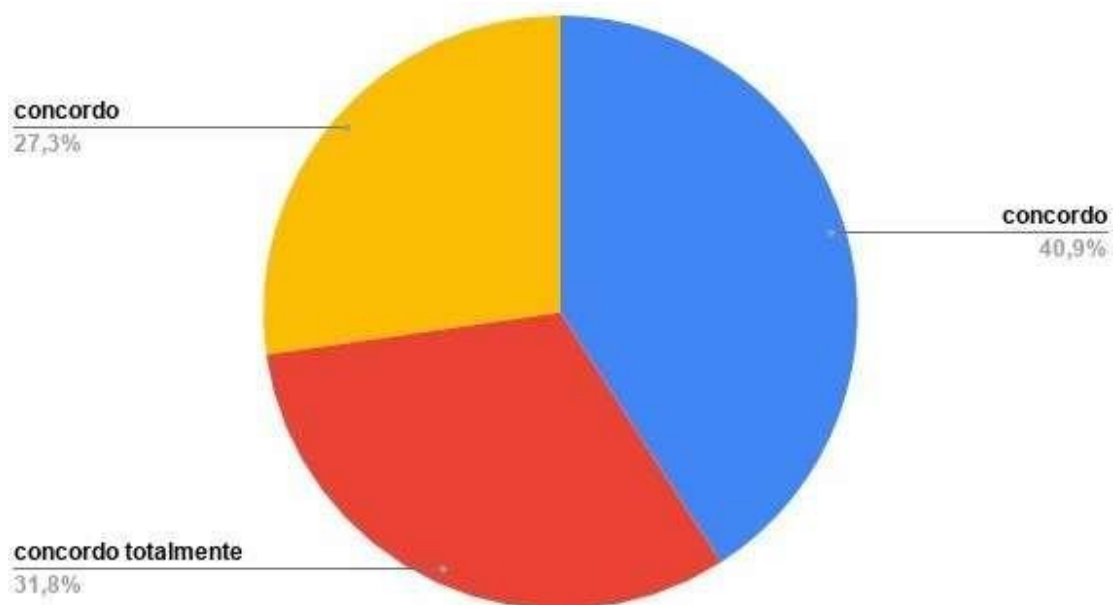
Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

As instituições, por sua vez, carregam o papel de proporcionar e redefinir de modo reflexivo as dinâmicas sobre a vida social, porém são instáveis, pois as

contínuas informações sobre o cotidiano e as inter-relações desses espaços advindas do cotidiano privado dos sujeitos, como a escola, acabam por criar naturalmente um espaço de controle social trazendo momentos de instabilidade. Já dizia Antony Giddens, “uma das características distintivas da modernidade é a crescente interligação entre os dois ‘extremos’ de extensividade e intensividade: influências globalizadas por um lado, e tendências pessoais, por outro” (GIDDENS, 1994).

Assim, conforme a resposta dos participantes, é possível perceber que todos afirmam gostar de trabalhar com pessoas, pois não houve nenhum voto contrário e isso talvez seja a chave para o sucesso quando se fala em educação humana. Veja o gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Eu trabalho muito bem com mais pessoas



Fonte: Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

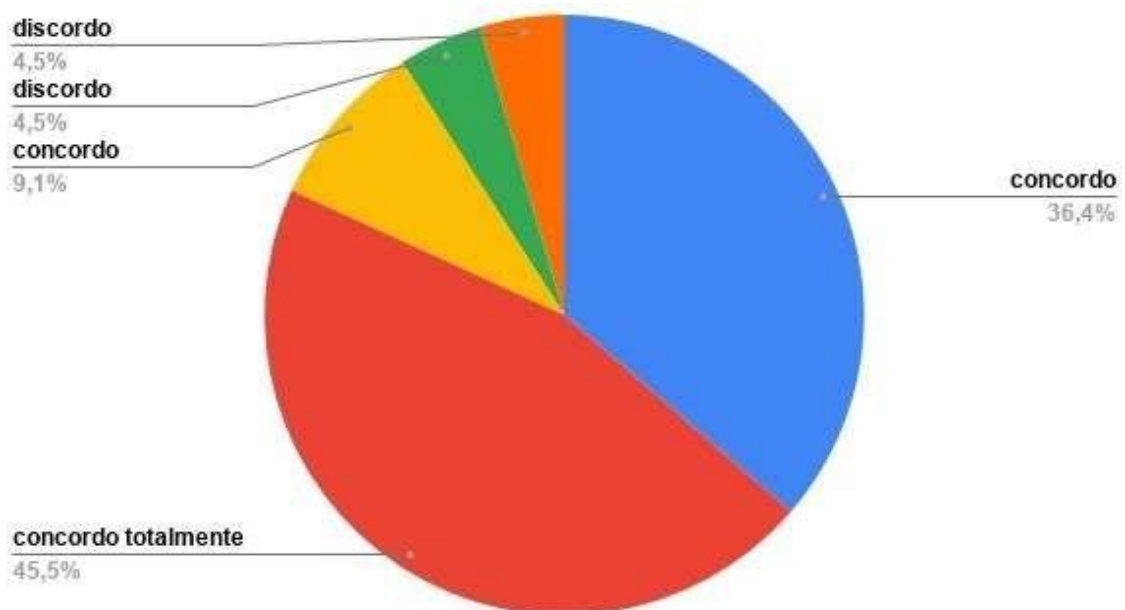
A sociedade atual, chamada de pós moderna, pode ser compreendida como um momento de crise histórica, pois transformações no contexto educacional provocam uma mudança padrão em todos os sentidos na compreensão do ser humano e do desempenho do ofício docente.

Enfocando-se no ofício do professor, a partir dessa nova realidade com as quais temos nos deparado, é fundamental uma formação de caráter científico, com senso reflexivo e crítico, fundamentais para atender a demanda que vem ao encontro

das necessidades dos jovens de hoje. Conhecer a estrutura que abrange a formação e organização da sociedade humana é um desafio constante a ser superado.

Em tempos de pandemia, com base nas repercussões decorrentes do Covid 19, aulas remotas, híbridas, plataformas digitais, fizeram parte desse novo cenário educacional, fazendo com que o professor se reinventasse constantemente. Mas fica a pergunta, pensando no contexto atual, como se sente o professor passando por todas essas situações? Diante desse novo contexto, não foi possível aproximar muito essa pesquisa sobre a pandemia e aula híbridas, pois esses questionários já estavam sendo aplicados antes mesmo desse modelo entrar em prática nesse ano de 2020. Uma das questões para responder essa indagação, sobre como o professor se sente, está exposta no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Tive momentos de estresse, ansiedade e tristezas prolongadas no último ano



Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

Fica claro a partir dos dados do gráfico que uma grande maioria passou por dificuldades, como momentos de estresse, ansiedade e tristeza prolongadas no decorrer do ano. Talvez, o que nos conforta e nos mobiliza a pensar sobre essas transformações sociais vistas como ameaças para as práticas educativas é possível reverter levando em conta o potencial de cada docente, como um ser que se reinventa, inova e acredita em uma educação melhor com novas possibilidades.

Fica evidente, a partir das considerações apresentadas, que, enquanto educadores, estamos constantemente nos despidendo de um mundo velho, uma transição para uma sociedade nova, idealizada como mais humana. Isto é, essa sociedade pós moderna requer que o sujeito seja realmente livre e autônomo para discernir o fluxo do seu verdadeiro ofício e da sua história de vida e de seus desejos enquanto ser humano.

A educação em foco será preparar sujeitos responsáveis para a vida, docente e educando, aprendendo a viver, pensar no que fazemos ao mesmo tempo que atuamos, a partir da história e recriando história, constituindo novas identidades. Seria como um processo de construção, através da experiência, que, conforme Bauman, é o elemento primordial para construir uma identidade, tanto do docente como discente. Pois, a partir do pensamento de Bauman é possível pensar sobre a nossa identidade, quais referências e valores são importantes na busca da felicidade no mundo contemporâneo e que consequências estes acarretam para a identidade dos indivíduos, tanto no trabalho como em seus relacionamentos sociais. A identidade é um como um divisor de águas, tenta se livrar dos ideais de uma sociedade capitalista, consumista, por uma sociedade mais humanista e feliz, na possibilidade de fazer os sujeitos refletirem sobre os valores que adotam e reconhecerem seu potencial de escolha para firmarem a sua verdadeira identidade, sem se preocupar com o julgamento do outro e muito menos com competitividade.

Na sociedade contemporânea, nas disputas de egos, é visível um certo nível de competição ou um ar de superioridade entre outros colegas de trabalho. Conforme Bauman (2014) “a volatilidade, vulnerabilidade e fragilidade de toda e qualquer identidade coloca sobre os ombros daquele que busca uma identidade o dever de desincumbir-se diariamente das tarefas da identificação” (BAUMAN, 2014, p. 105), ou seja, devemos ser flexíveis a isso, nos recriar, é a arte da vida.

Conforme Castel (1998), essa questão de identidade e competitividade é típica de uma sociedade do consumo, aonde um sistema cria categorias entre relações sociais vistos como marcadores de posições sociais, isto é, uma sociedade que separa e classifica o lugar que ocupa na divisão do trabalho.

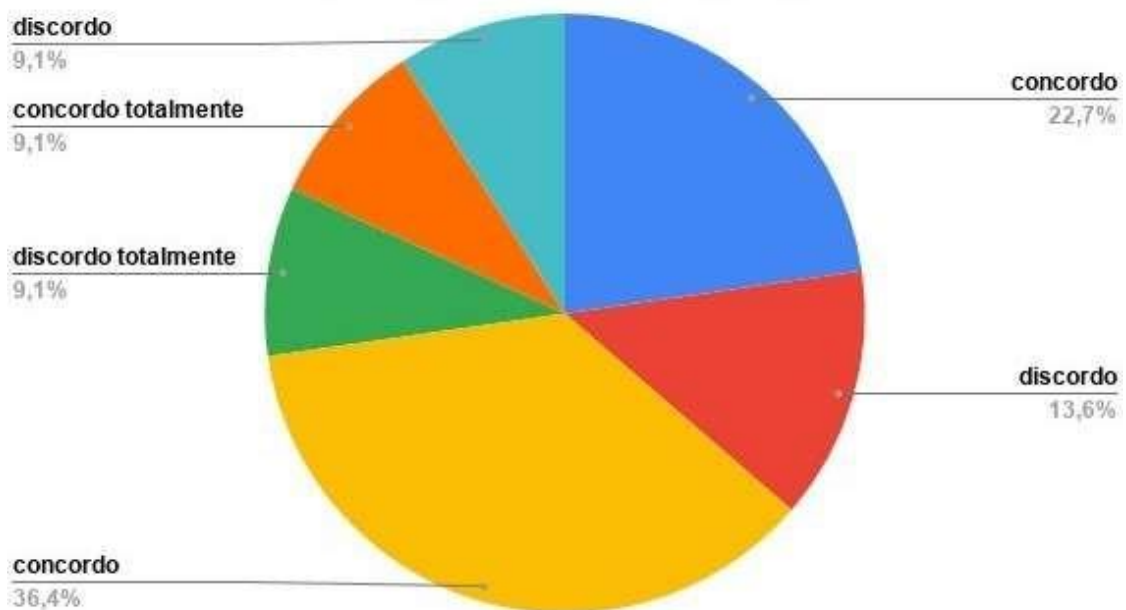
É importante destacar que a partir do momento em que pensamos sobre a condição do ser humano, estamos falando, também, sobre as condições físicas, biológicas, culturais, psíquicas, sociais e históricas. Para essa complexidade do ser humano, é preciso uma pausa para repensar a identidade do ser humano que muitas

vezes sofre com o poder disciplinar advindo do conhecimento de cada realidade. Isto é, o ser humano é constituído como parte de uma sociedade através das interações vivenciadas no qual é necessário tentar compreender o outro.

Todo esse conjunto de paradigmas, determinações sociais ou políticas, estabelece um estereótipo intelectual de ideias sem filtro ou crenças preestabelecidas, que caem pelo conformismo do profissional que tenta sair dessa rede de poder que bloqueia o conhecimento.

Essa complexa realidade do ser humano, de seu desenvolvimento enquanto espécie, abrange um conjunto de fatores como a autonomia individual, de outros participantes e a de pertencimento à espécie humana. Essa complexidade, conforme Morin, pode possuir fatores antagônicos, não vivendo apenas de racionalidade e de técnica, e cabe como exemplo o gráfico seguinte, que ilustra uma lacuna existente entre o que se faz e o que se gostaria de fazer, conforme o questionário.

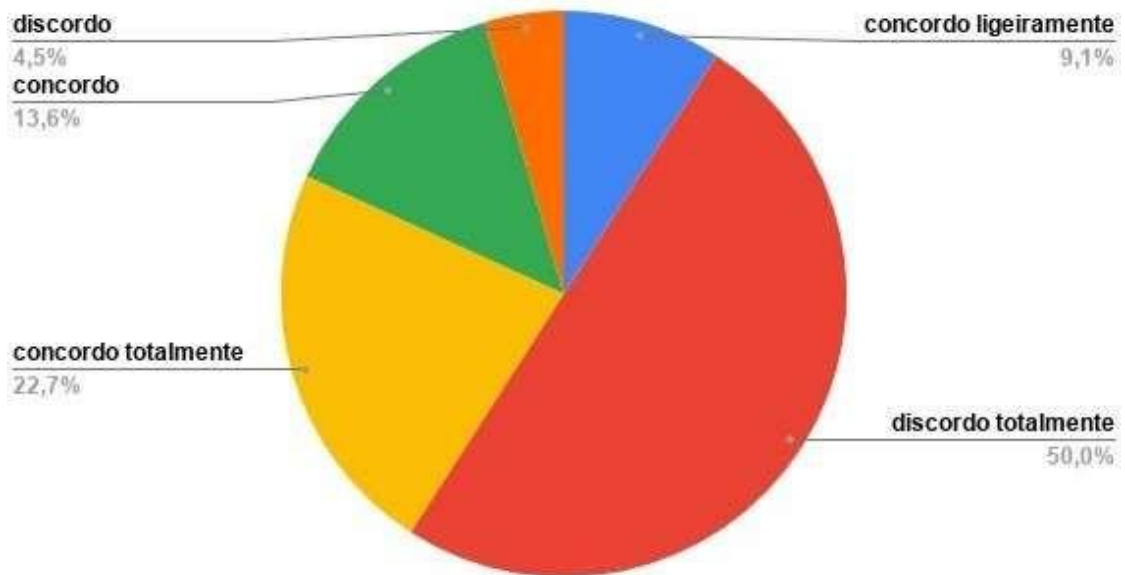
Gráfico 7 – Há uma lacuna entre o que eu gostaria de fazer e o que eu faço



Fonte: Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

Outro ponto trazido no questionário dessa pesquisa foi a questão do estado emocional e psicológico desse profissional, no qual uma grande parte precisou do uso de medicamentos para controlar o seu estado emocional, conforme resultados expostos no gráfico abaixo:

Gráfico 8 – No último ano, eu tomei medicamento para controlar o meu estado emocional e psicológico

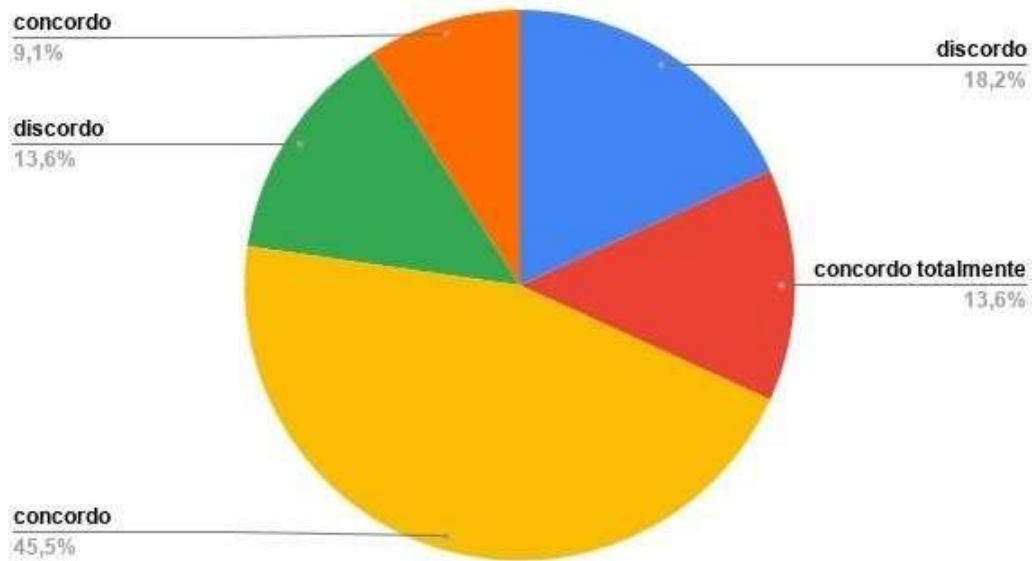


Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

No ambiente escolar, na rotina diária, o professor atribui o seu modo de ser, na sua identidade e expressa o mundo interno e na convivência diária com os colegas de trabalho e toda comunidade escolar, ou seja, vai tomando para si certos preceitos, valores e deixando outros de lado. Desse modo constituindo-se como professor e também na busca de uma realização plena ou feliz. Conforme Nóvoa (1995, p. 19), “A profissão docente exerce-se a partir da adesão coletiva (implícita ou explícita) a um conjunto de normas e valores”. No gráfico anterior, foi relatado que vinte e dois por cento dos participantes tomaram algum tipo de medicamento durante a jornada de trabalho. Evidenciou-se que neste período em que a pesquisa estava em andamento a referida escola, recebeu um total de cinco atestados médicos com afastamentos por problemas de saúde, e todos em tratamento com psicólogos com níveis diferentes de depressão, angústia.

Quando perguntados no questionário sobre a sua felicidade, temos o resultado parcial sobre nem todos serem felizes o tempo todo, pois analisam as circunstâncias. O gráfico abaixo expõe esse resultado:

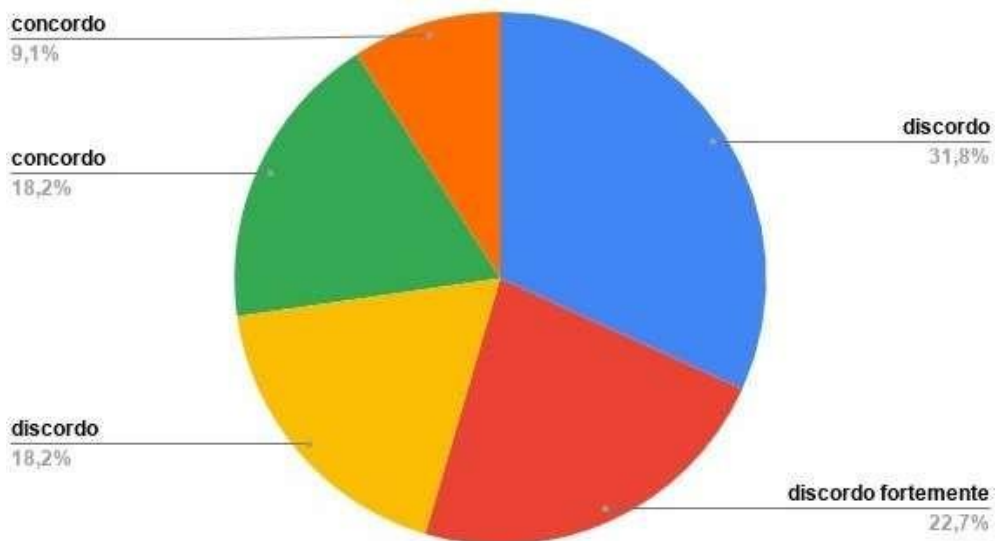
Gráfico 9 – Eu sou muito feliz



Fonte: Fonte: Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa

A dimensão humana, na busca por respostas que a vida cotidiana nos coloca, precisa ter uma flexibilidade e estar aberta para resolver o que incomoda no âmbito emocional. Ou seja, é transcender para obter sucesso no trabalho. Os docentes que participaram desse questionário, perguntados sobre o tempo livre, foram categóricos ao afirmar que não possuem tempo livre e, quando tem, não conseguem aproveitar como gostariam, conforme o gráfico aponta:

Gráfico 10 – Disponho de muito tempo livre para lazer e aproveito-o da melhor maneira



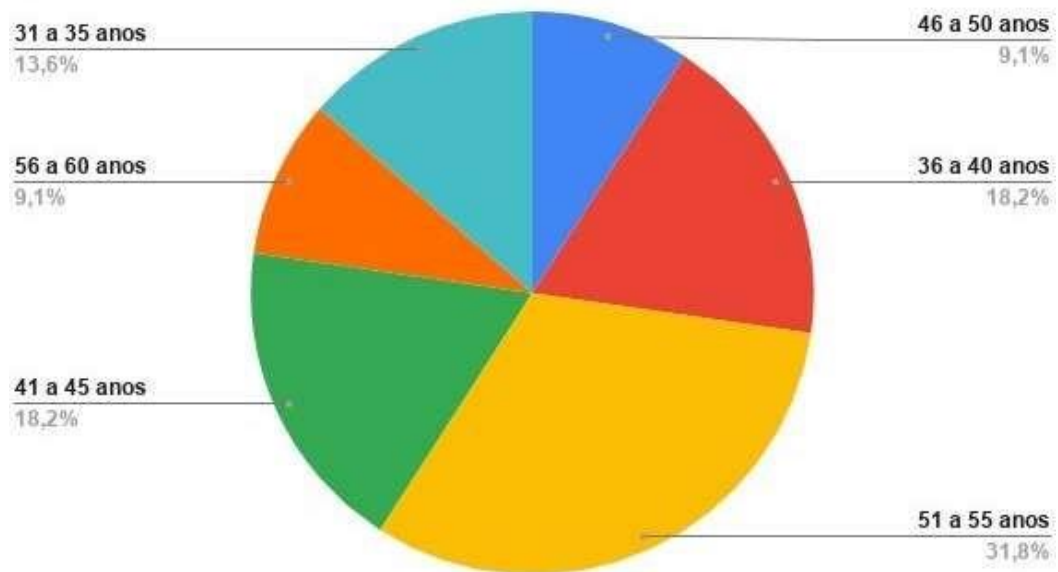
Fonte: Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa



Durante a aplicação desse questionário, uma professora participante, dirigiu-se aos proponentes e comentou sobre a satisfação de ter respondido aos questionamentos dessa pesquisa pelo fato do questionário se preocupar sobre a questão do ser humano, sobre felicidade. E esse questionário fez a mesma refletir muito sobre quem é e como está vivendo e trabalhando. É, de certa forma, gratificante ouvir isso e perceber que ao mesmo tempo no espaço de fala é também o da escuta, de cuidado com o outro. Ou seja, rompe aquilo que sem saber incomoda, e transcende.

Deste modo, a busca pela identidade e papel e função social do professor dentro de uma sociedade capitalista fica muito mais difícil ao passar dos anos, como a desvalorização salarial, como falamos anteriormente. Os professores participantes já possuem uma grande bagagem na trajetória de trabalho, com uma faixa etária entre quarenta em cinquenta anos, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 11 – Qual a sua idade?



Fonte: Gráfico representa o resultado do questionário online aplicado no campo de pesquisa autora.

Durante as conversas paralelas, com os sujeitos pesquisados, a maioria sempre acredita que o melhor ainda virá, ficam na expectativa de dias melhores ou ainda, uma educação que prime por profissionais realizados e plenos.

Partido das ideias de Tardiff, a trajetória de formação de um profissional da educação passa por duas situações, aquilo que ele traz com ele desde a sua infância

até as representações da vida acadêmica, da graduação, ou seja, é um elo entre vivências, experiências e conhecimentos para se tornar um professor, é um equilíbrio entre a rigorosidade científica dos conteúdos e vivências que se consegue uma educação da autonomia, do respeito e de qualidade.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre o tema felicidade nas Ciências Sociais foi um tanto desafiador, pois, com uma infinidade de possibilidades, precisou-se delimitar o escopo dessa análise com um recorte mais voltado à realidade do trabalho docente, discutindo a categoria felicidade nos discursos sobre o universo profissional chegando até os capítulos acima descritos.

Este estudo teve como objetivo refletir e compreender as representações de felicidade que perpassam no trabalho de docentes da rede estadual de ensino no município de Agudo - RS. Foi possível evidenciar, através dos questionários acima descritos, as condições de trabalho docente e a forma que as mesmas impactaram nos níveis de felicidade a partir de categorias como o modelo salarial, do trabalhador docente, condições de trabalho desiguais, emoções, a concepção de felicidade de cada docente em seu bem estar, se dá a partir das prioridades e escolhas de cada um.

Analisando os resultados, acreditamos que a escolha em desenvolver este projeto se deu pela necessidade de tentar compreender melhor esse ser educador com um olhar a partir do seu interior, da felicidade, da sua importância como ator social na reconstrução desses conhecimentos dentro do espaço de trabalho.

No entanto, é possível afirmar que o trabalho docente é uma oportunidade para que os indivíduos convivam e interajam uns com os outros, vejam sentido em suas ações, sintam-se motivados e felizes nas suas tarefas, percebendo os frutos de suas atividades como realizações positivas, como uma oportunidade de encontrar e sentir a Felicidade e o bem estar. Para os participantes, trabalhar é uma oportunidade de realizar algo com significado, e esta realização se conecta com as suas vidas no meio social num viés de estar fazendo o que escolheram fazer, refletidas em atividades que trazem bem estar e felicidade.

Dessa forma, o estudo sobre felicidade se mostra cada vez mais importante. As respostas do questionário foram analisadas buscando compreender como seus aspectos aparecem de forma individual em cada relato. É importante ressaltar que foram obedecidos todos os procedimentos éticos requeridos para a pesquisa com seres humanos. Atualmente, a felicidade é considerada um valor extremamente importante, amparada por lei, através de uma emenda ao artigo 6º da Constituição Federal Brasileira que inclui o direito à busca da felicidade por cada indivíduo e pela

sociedade, colocado junto com o direito à educação, saúde, previdência social, proteção, maternidade e infância.

Assim, a partir dos resultados, compreende-se que os aspectos estudados indicam a importância do cuidado com o significado cada profissão, do cada um acredita ser importante para viver e trabalhar na sociedade atual, e por sua vez, para a promoção de felicidade e bem-estar.

A partir dos níveis de felicidade, compreendemos que a essência da atividade docente implica em conduzir os processos de aprendizagens no sentido de levar à realização do potencial humano individual e se tornando, assim, um ser útil à sociedade, mais feliz. Ou seja, através dos processos de interação social dentro e fora do ambiente de trabalho, pode contribuir com o desenvolvimento da sociabilidade e da aceitação do outro, visto que, para respeitar as ideias do outro, inicialmente precisamos saber compreender e ter a capacidade de distinguir o conteúdo de suas formas de se manifestar, de conviver, de trabalhar e juntos crescer como pessoas.

O estudo sobre felicidade aqui analisada, perpassa por conceitos históricos, chegando ao conceito mais próximo na sociedade atual, sendo considerada como um valor extremamente importante que é garantido por lei, a felicidade de cada indivíduo e sociedade.

Dessa forma, o estudo da felicidade se mostra cada vez mais importante. As respostas do questionário foram analisadas buscando compreender como seus aspectos aparecem de forma individual em cada relato. É importante ressaltar que foram obedecidos todos os procedimentos éticos requeridos para a pesquisa.

É perceptível que a escolha da profissão, se dá especificamente pela afinidade, interesse e gosto pelo curso e logo pela profissão. E neste sentido, perpassa pela ideia de felicidade o gostar do que faz, por escolha. Essa escolha faz toda a diferença, em se preocupar com o trabalho e profissão ideal como fonte de satisfação e bem estar. É visível que na sociedade em que vivemos, com o notório crescimento do capitalismo, conceitos como felicidade, bem estar, felicidade, muitas vezes estão atreladas ao poder aquisitivo maior, melhor profissão, ou seja, sinônimo de riqueza. Neste sentido, a o trabalho docente também busca se definir dentro desse parâmetro, e que por sua vez tenta constituir esse cenário de ser e fazer professor, como algo que lhe promova a felicidade como objetivo maior, de modo a atingir o bem estar.

Revisitando as ideias de autores que fundamentam essa dissertação, com os resultados, nos mobilizam a pensar que vivemos em uma doutrina moral, onde o

indivíduo necessita para a visibilidade social se apresentar como pleno, satisfeito e feliz, onde o acesso ao conforto, satisfação dos prazeres passa a ser a principal motivação para a felicidade.

Entretanto, em uma das perguntas do questionário, sobre o uso de medicamentos, a resposta aponta para esse descontrole do uso de medicamentos, sendo a medicalização a saída encontrada para resolver as síndromes, pânico e depressões decorrentes não apenas do não saber lidar com situações diárias, mas também como uma forma de fuga de enfrentamento de problemas reais e aceitação social. E, vale lembrar que um dos propósitos dessa pesquisa, é contribuir para a compreensão do sentido da felicidade e do bem estar no trabalho docente, de promover uma análise mais aprofundada sobre o tema felicidade, ou a busca pelo entendimento de sua natureza no âmbito do trabalho docente com objetivo de compreender como representações sobre felicidade impactam no trabalho docente, que por sua vez são entendidas como prioridades que acompanham a vida das pessoas. Deste modo, a partir dos resultados analisados, aspectos bem específicos estão presentes no resultado dos gráficos, a partir das respostas elencadas no questionário indicando a importância dos mesmos para a ideia de felicidade pensados pelos sujeitos, como um objetivo pessoal de vida, aquilo que cada um internaliza e acredita, a partir da sua essência.

Como pano de fundo a ideia dos pensadores modernos e pós modernos, fica evidente que o sentido da felicidade e do bem-estar, reflete a produção dos sentidos na contemporaneidade, em particular os sujeitos dessa pesquisa, que prevalece uma sociedade do “eu” que está em constante busca do bem estar, da felicidade em suas conquistas e frustrações individuais. Ou seja, cada um é responsável pelas suas escolhas e necessidades. A sociedade atual enfatiza essa realidade, não são os bens materiais que nos diferem, mas sim, de valores essenciais que nos fazem bem, que nos permitam uma independência, possibilidades de vivências e experiências de vida e trabalho.

Deste modo, a realização desta pesquisa colabora com as discussões atuais que norteiam o campo da educação no sentido que geram elementos de estudo e reflexão para compreensão da felicidade, trabalho docente, da identidade e bem estar docente, que parte do princípio que o docente estrutura e organiza a sua própria prática, como sujeito que atribui sentido de acordo com seus conhecimentos e sua existência. Pois, tal pesquisa almeja consolidar a tese de que a felicidade pode ser

um modelo, um princípio que orienta práticas e condutas no trabalho docente, orientadas pela ideia de felicidade, bem como, nas representações que envolvem a vida dos sujeitos em sociedade.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir positivamente como referencial teórico para este campo de pesquisa e incentivar pesquisas futuras sobre os potenciais benefícios das práticas da Felicidade que perpassam a lógica do Trabalho. Considera-se importante destacar que esta pesquisa não teve a pretensão de esgotar os conceitos envolvidos ou propor a generalização das conclusões obtidas.

Entendemos que trabalho e felicidade andam de mão dadas, completam-se, pois, para estudar a felicidade, tanto na perspectiva individual quanto na perspectiva social, deve ser incluído o estudo da vida no trabalho. Ou seja, fica nítido que os participantes internalizam suas emoções e perspectivas no ambiente de trabalho como um modo de realização pessoal e missão de vida. De um modo geral, são profissionais que precisam ser incentivados e mobilizados com frequência, e necessitam, antes de tudo, sentir-se parte do processo como um ser promissor em seu potencial, ou seja, sentir-se protagonista de sua trajetória de vida e profissional.

Todavia, estamos em busca de uma segurança, de uma situação mais estável dentro dessa sociedade líquida para assim poder sonhar com dias melhores. Além disso, pensar e compreender que dentro desse sistema, na sociedade líquida, nada permanece por muito tempo, vivemos em um mundo de constante transformação, por isso definir felicidade é um tanto complexo. A felicidade precisa ser conquistada conforme buscamos a nossa evolução ao mesmo instante em que estamos mergulhados num mundo que se transforma a cada momento.

Entretanto, esse debate aparece em um momento bastante diferente em que estamos vivendo, período de pandemia, incertezas, demissões em massa, porém não é o foco da nossa pesquisa, mesmo porque ela já estava em andamento quando houve toda a reviravolta a qual fomos submetidos por conta da pandemia da COVID-19. Ficou tudo mais distante e todos profissionais mais uma vez tiveram que se reinventar e trabalhar com alternativas a partir dessa pandemia que veio de surpresa e ninguém estava preparado.

Por fim, entretanto, nessa lógica para além das adversidades, levando em conta as categorias analisadas, a felicidade compreende uma transformação de cada um, no seu íntimo modo de ser e viver, e não como um caminho pronto, mas de ressignificação do trabalho como um espaço possível de fazer a diferença no modo

de ser feliz e ter um bem estar independente de dinheiro, ou bem material, conforme essa pesquisa demonstra.

## REFERÊNCIAS

- ACHOR, Shawn. **O Jeito Harvard de Ser Feliz**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- ALVES, F. C. A (in)satisfação dos professores. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto Editora, 1997. p. 0-0.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ARON, R. "Pareto" (Verbetes). In: ARON, R. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. 2. ed. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes; Brasília: Ed. UNB, 1987.
- AZEVEDO, M. C. Não-moderno, moderno e pós-moderno. **Rev. de Educação AEC**, v. 22, n. 89, p. 19-35, out./dez. 1993.
- BAUMAN, Zigmund. **Ética Pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e Holocausto**. Curitiba: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre; São Paulo: Zouk; Edusp, 2007.



\_\_\_\_\_. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 2003. p. 0-0.

\_\_\_\_\_. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu** Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983. p. 0-0.

BOBBIO, N. **Ensaio Escolhidos**. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: C. H. Cardim, s./d.

\_\_\_\_\_. **O Futuro da Democracia: Uma Defesa das Regras do Jogo**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. “Teoria das Elites” (Verbetes). In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Tradução Luís Guerreiro P. Cacaís et al. Brasília: UNB, 1986.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. “Pareto” (Verbetes). In: BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. **Dicionário Crítico de Sociologia**. Tradução Maria Letícia Guedes Alcoforado e Durval Ártico. São Paulo: Ática, 1993.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 2005.

CREMONESE, Dejalma. **Ética e Felicidade: lições da filosofia antiga para uma vida boa**. Curitiba: Appris, 2017.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.

DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. In: GIANNOTTI, José Arthur. (Org.). **Os Pensadores: Durkheim**. São Paulo: Abril, 1978. p. 0-0.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

ELSTER, Jon. **Peças e engrenagens das ciências sociais**. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FERNANDES, Florestan. Na ótica do intelectual militante. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, p. 0-0, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e terra, 2008.

FEREJOHN, John; PASQUINO, Pasquale. A Teoria da Escolha Racional na Ciência Política: Conceitos de Racionalidade em Ciência Política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, p. 0-0, fev. 2001.

FERREIRA, Laura Senna. Sociologia crítica de Bauman e teoria da Estruturação de Giddens: implicações para a compreensão da “modernidade líquida” e da “alta modernidade”. **Cadernos Zygmunt Bauman**. v. 9, n. 18, p. 0-0, 2019.

GREVE, Bent. **Felicidade**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria: forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Coleção: Os pensadores. v. XIV. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução Ruy Jungmannn. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KHUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectivas, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri: Manole, 2005a.

\_\_\_\_\_. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade Pós-Moralista: O crepúsculo do Dever e a Ética Indolor dos Novos Tempos Democráticos**. Barueri: Manole, 2005b.

\_\_\_\_\_. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo.** Lisboa: Edições 70, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Império do Efêmero: A moda e seu Destino nas Sociedades Modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarola, 2004.

LESSA, Renato. Da interpretação à ciência: por uma história filosófica do conhecimento político no Brasil. **Lua Nova**, n. 82, mai. 2011.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social.** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LENIN, Vladimir Ilich Ulianov. A Organização dos operários e a organização dos revolucionários. In: LENIN, V. I. U.; FERNANDES, F. (Orgs.). Título. São Paulo: Ática, 1989. p. 0-0.

\_\_\_\_\_. A sociedade de classes e o Estado. In: LENIN, V. I. U.; FERNANDES, F. (Orgs.). Título. São Paulo: Ática, 1989.

MANACORDA, Mario. **Marx e a pedagogia moderna.** Campinas: Alínea, 2010.

MARX, Karl, ENGELS, F. **A Ideologia alemã: (I-Feuerbach).** 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. I, t. 1.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2011.

OLSON, Mancur. **A Lógica da Ação Coletiva.** Tradução Fabio Fernandez. São Paulo: IUPERJ, 1999.

POPPER, Karl. **A miséria do historicismo.** São Paulo: Cultrix, 1986.

\_\_\_\_\_. **Lógica das ciências sociais.** Rio de Janeiro; Brasília: Tempo Brasileiro; UnB, 1978.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor.** 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2013.

PERES, Sérgio Paulo. Comportamento ou Instituições? A evolução do neoinstitucionalismo da Ciência Política. **RBCS**, v. 23, n. 68, p. 0-0, out. 2008.

PIMENTA, S. G. Formação de Professores: saberes e identidade. In: PIMENTA, S. G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SARTORI, G. Hacia dónde va la Ciencia Política? **Política y Gobierno**. v. XI, n. 2, p. 0-0, 2004.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Tradução Japy Freire. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, Elisabeth Lobo. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

\_\_\_\_\_. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SOUZA, Jessé. **Os Batalhadores Brasileiros**: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VASCONCELLOS, Celso S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ciência e política**: duas vocações. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobre a teoria das Ciências Sociais**. Barcarena: Editorial Presença, 1974.

\_\_\_\_\_. O sentido da “neutralidade axiológica” nas Ciências Sociais e econômicas.  
In: AUTOR. **Metodologia das Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora,  
1992.

APENDICE A – FOTOS DA ESCOLA



Tudo no moto play  
Jáca, Jany, Drecher



## MUNICÍPIO DE AGUDO – RS

### Localização



#### Localização de Agudo no Brasil

29° 38' 42" S 53° 14' 24" O

Unidade federativa: Rio Grande do Sul

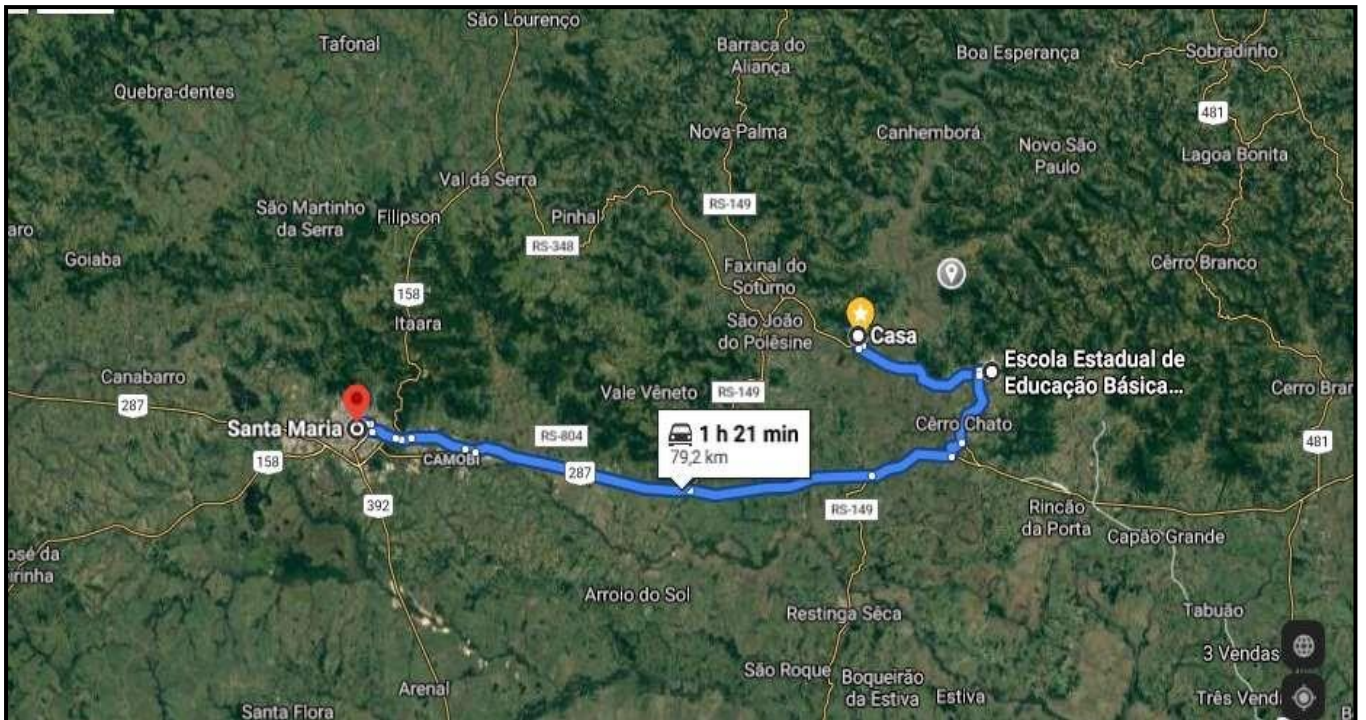
Mesorregião: Centro Ocidental Rio-grandense IBGE/20081

Microrregião: Restinga Seca IBGE/20081

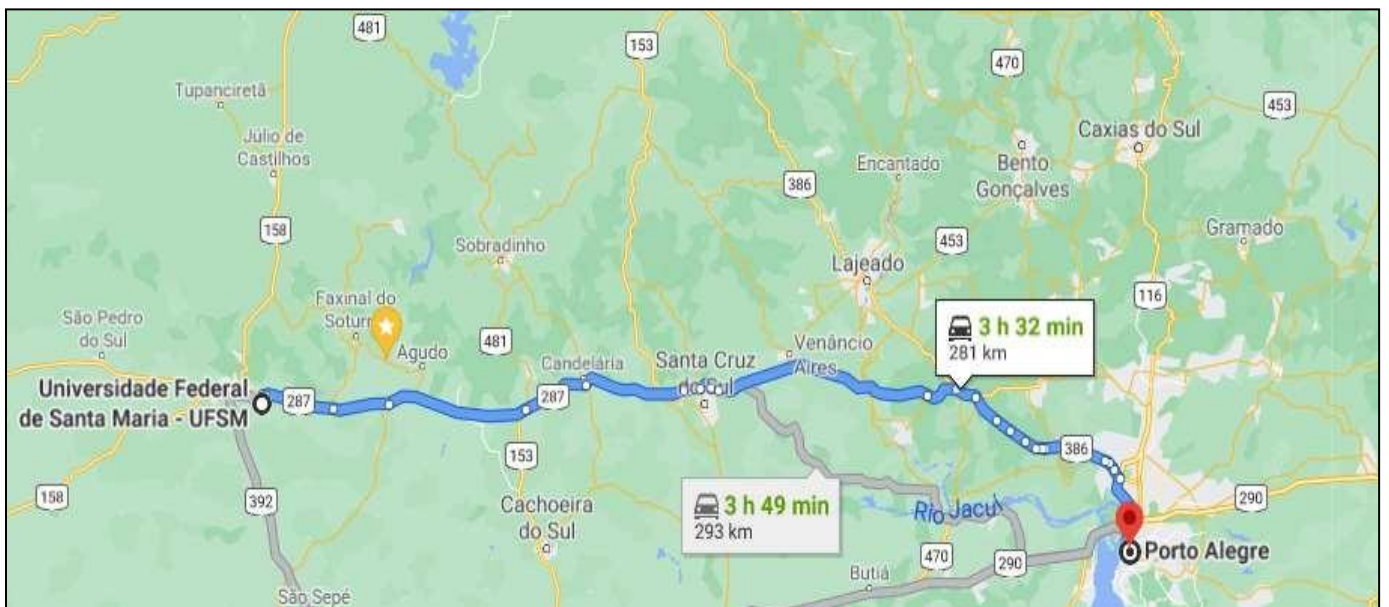
Municípios limítrofes: Cerro Branco, Nova Palma, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Restinga Seca, Paraíso do Sul, Dona Francisca

Distância até a capital 250 km

**Imagem: Localização e tempo percorrido entre Santa Maria/RS, UFSM até Agudo/RS e Dona Francisca/RS.**



**Imagem: Distância entre UFSM em Santa Maria até Porto Alegre/RS.**





## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

### QUESTÕES SELECIONADAS PARA OS GRAFICOS

- 1 – A minha atuação profissional tem realizado pessoalmente?
- 2 - A minha realização profissional depende totalmente do retorno financeiro referente ao trabalho realizado?
- 3 - Estou na profissão dos meus sonhos?
- 4 - Eu prefiro estar no ambiente de trabalho ao invés de estar em casa?
- 5 - Eu trabalho muito bem com mais pessoas?
- 6 - Tive momentos de estresse, ansiedade e tristezas prolongadas no último ano?
- 7 - Há uma lacuna entre o que eu gostaria de fazer e o que eu faço?
- 8 - No último ano, eu tomei medicamento para controlar o meu estado emocional e psicológico?
- 9 - Eu sou muito feliz?
- 10 - Disponho de muito tempo livre para lazer e aproveito-o da melhor maneira?
- 11 - Qual a sua idade?

### QUESTIONÁRIO NA ÍNTEGRA:

#### **Projeto de Pesquisa: UM ESTUDO SOBRE FELICIDADE E TRABALHO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS**

Questionário aplicado aos docentes do Ensino Médio da Escola estadual de Educação Básica Professor Willy Roos no município de Agudo/RS.

Olá, me chamo Daiane Maira Soccal, sou mestranda do curso de Ciências Sociais pela Universidade de Santa Maria, no Departamento de Ciência Sociais/ UFSM. Esta entrevista, foi por mim elaborada, afim de coletar alguns dados para minha pesquisa. Neste sentido, gostaria que cada um, tirasse alguns minutos de suas atividades para

responder este questionário. Esta é uma boa maneira de obter um resultado sobre a felicidade no trabalho docente. Desde já fico grata pela sua colaboração!

### **Instruções**

Você vai encontrar abaixo algumas perguntas sobre a sua vida que podem indicar o nível de felicidade que você se encontra no momento. É resguardada a privacidade do entrevistado. Por favor, indique o quanto você concorda ou discorda, marcando apenas uma alternativa de acordo com a seguinte escala abaixo. Marque as respostas com o máximo de precisão.

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

### **Dados Pessoais**

#### **1. Idade:**

- a) Até 25 anos
- b) 26 a 30 anos
- c) 31 a 35 anos
- d) 36 a 40 anos
- e) 41 a 45 anos
- f) 46 a 50 anos
- g) 51 a 55 anos
- h) 56 a 60 anos
- i) Mais de 60 anos

#### **2. Estou na profissão dos meus sonhos?**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

### **3 Sobre sua percepção (pessoal, emocional, social)**

**Sobre as frases abaixo assinale a alternativa que mais se aproxima dos teus sentimentos:**

**Eu não me sinto confortável e segura(o) na minha profissão**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

### **4. Tive momentos de estresse, ansiedade e tristezas prolongadas no último ano.**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

### **5. Há uma lacuna entre o que eu gostaria de fazer e o que faço**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

### **6. Eu sou muito feliz**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

**7. Eu encontro beleza em algumas coisas**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

**8. Eu trabalho muito bem com mais pessoas**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

**9. No último ano eu tomei medicamento para controlar o meu estado emocional e psicológico**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

**10. Eu não me sinto particularmente satisfeito com o jeito que eu sou**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

**11. A minha formação profissional tem me realizado pessoalmente**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

**12. Eu sinto que não estou especialmente no controle da minha vida**

- a) discordo totalmente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo totalmente

**13. Eu não tenho lembranças particularmente felizes do passado**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) Concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**14. Eu frequentemente sinto alegria e euforia**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**15. Eu não acho fácil tomar decisões**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**16. Eu sinto que a vida é muito gratificante**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**17. Eu não tenho um senso particular de significado e propósito em minha vida**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**18. Eu sinto que tenho muita energia**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) Concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**19. Eu prefiro estar no ambiente de trabalho ao invés de estar em casa**

- a) discordo fortemente

- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) Concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**20. Eu não me sinto emocionalmente saudável**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**21. Eu não sou particularmente otimista em relação ao futuro**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**22. As minhas relações sociais (amigos e familiares) são plenamente satisfatórias e frequentes**

- a) discordo fortemente
- b) discordo moderadamente
- c) discordo ligeiramente
- d) concordo ligeiramente
- e) concordo moderadamente
- f) concordo fortemente

**Para avaliar novamente suas emoções e relações sociais, aceitaria participar futuramente respondendo novamente este mesmo questionário?**

Sim. Se sim deixe seu contato:

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

Não.